UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA

JOSÉLIA DE MESQUITA COSTA

O amor e sua relação com os valores humanos e a iniciativa sexual

Recife
2012

JOSÉLIA DE MESQUITA COSTA

O amor e sua relação com os valores humanos e a iniciativa sexual

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Cognitiva.

Área de Concentração: Psicologia Cognitiva.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Roazzi.

Recife
2012

Catalogação na fonte

Bibliotecário Tony Bernardino de Macedo CRB-4 1567

C837a Costa, Josélia de Mesquita.

O amor e sua relação com os valores humanos e a iniciativa sexual / Josélia de Mesquita Costa. – Recife: O autor, 2012.

93 f. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Roazzi.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, 2012.

Inclui bibliografia.

1. Psicologia Cognitiva. 2. Amor. 3. Tipos de amor. 4. Valores humanos. 5. Iniciativa sexual. 6. Relações humanas. I. Roazzi, Antonio (Orientador). II. Título.

150 CDD (22.ed.) UFPE (CFCH2012-144)

FOLHA DE APROVAÇÃO

Josélia de Mesquita Costa

O Amor e sua Relação com os Valores Humanos e a Iniciativa Sexual.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco para obtenção do título de Mestre.
Área de Concentração: Psicologia Cognitiva

Aprovado em: 30 de agosto de 2012

Banca Examinadora

Dr. Antonio Roazzi
Instituição: U.F.PE

Assinatura: _____

Dra. Suely de Melo Santana
Instituição: UNICAP

Assinatura: _____

Dr. Alexsandro Medeiros do Nascimento
Instituição: U.F.PE

Assinatura: _____

Dedicatória

A Dalva Maria de Mesquita Costa, minha mãe. Exemplo de mulher. Por apoiar e incentivar meus sonhos. Pela força nos momentos de dificuldade. Por acreditar no meu potencial. Por amar e cuidar do meu pequeno. Pelas noites de sono perdidas. Por sofrer junto comigo e tornar esta trajetória cheia de obstáculos mais suportável.

Por seu amor e amizade.

Mãe, nada disso seria possível sem você... Essa conquista também é sua.

AGRADECIMENTOS

A ***Deus***, pela promessa. Por me conceder discernimento, força e ânimo para a conclusão desta etapa. Por não permitir que eu deixasse de acreditar e por esta bênção alcançada.

A ***Antonio Roazzi***, meu orientador, pela compreensão, incentivo, disponibilidade e por todo o aprendizado que me proporcionou. Obrigada pela confiança e por ter me aceitado como orientanda. Foi uma honra tê-lo como orientador. Nunca vou esquecer!

A ***Joyce***, minha irmã, pela força com o Tot's, pelo carinho e por estar ao meu lado nos momentos mais difíceis. Sua participação foi fundamental para que esse objetivo fosse alcançado. E a ***Adalberto***, meu cunhado, por tudo que fez por mim e por meu filho. Serei eternamente grata!

Ao meu pai, ***Richard Viana Costa***, que mesmo à distância nunca deixou de me apoiar.

A toda minha ***família*** pelas orações, suporte emocional, pelo carinho e por acreditarem em mim.

Às amigas, ***Íria Raquel, Elis Amanda, Aíla e Lidiane Araújo***, pelo apoio, por me ajudarem com a coleta e digitação do banco de dados, pela troca de experiências e por me lembrarem sempre que tudo daria certo. Lili, um agradecimento especial a você por ter largado tudo para me socorrer.

A ***Giovana Damasceno***, por toda a ajuda durante estes dois anos de mestrado e mais ainda nesta fase final de conclusão e acima de tudo pela amizade verdadeira e abnegada.

A ***Ailton Ramos e Amanda Cavalcanti***, por coletarem meus dados em Recife, por acreditarem na minha pesquisa e pela amizade.

Ao ***CNPq*** e à ***CAPES*** pelo auxílio a essa pesquisa que foi de fundamental importância para a conclusão deste projeto.

A ***Jaqueline Matias dos Santos,*** pela amizade desinteressada, pelo apoio e pelos momentos de descontração que foram de extrema importância para que eu mantivesse meu equilíbrio. Por ouvir meus desabafos e pelas palavras sempre oportunas. Por cuidar com todo o amor do meu pequeno para que eu pudesse finalizar minha dissertação. Minha gratidão não pode ser traduzida em palavras, pois ela representa o mais verdadeiro e sincero afeto. Obrigada!

Por fim, gostaria de agradecer aos dois homens da minha vida. A ***Heitor***, meu filhinho, por me ensinar o significado de amor incondicional. E a ***Patrick***, meu amor, amigo, companheiro. Obrigada por todo o apoio e incentivo, por entender meus estresses nesta fase de conclusão do mestrado, por acreditar em mim, por não me deixar desistir e por me fazer querer ser uma pessoa melhor. Tudo foi bem mais suportável por você estar ao meu lado. Amo você!

Amor é fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;
É um andar solitário entre a gente;
É nunca contentar-se de contente;
É um cuidar que se ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade
É servir a quem vence o vencedor,
É ter com quem nos mata lealdade.

Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade;
Se tão contrário a si é o mesmo amor?

(Soneto 11, Luiz Vaz de Camões)

RESUMO

Costa, J. M. (2012). O amor e sua relação com os valores humanos e a iniciativa sexual. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

O amor recentemente tornou-se, no campo empírico, objeto de investigação científica, embora tenha sido durante séculos, atributo de especulação de filósofos, poetas e compositores. Sua estrutura e dinâmica têm sido fonte de estudo de pesquisadores que se dedicam ao conhecimento de temáticas como relacionamentos românticos e sexualidade, referentes às relações interpessoais. Considerando que as transformações ocorridas referentes aos papéis e atitudes sexuais de homens e mulheres podem significar uma ruptura de papéis convencionais, sugerindo uma mudança de paradigmas e valores, o objetivo da presente dissertação é verificar a relação entre o fenômeno amor com a iniciativa sexual e com os valores humanos. Para tal, planejaram-se dois estudos. No primeiro, procurou-se verificar as relações existentes entre os componentes do amor (*intimidade*, *paixão* e *compromisso*), as sub-funções valorativas (*existência*, *realização*, *normativa*, *suprapessoal*, *interacional* e *experimentação*) e as dimensões da iniciativa sexual (*afetividade/dependência e poder/independência*). Este contou com a participação de 469 pessoas com idade média de 23 anos (amplitude de 17 a 73 anos) que responderam um livreto contendo a *Escala Triangular do Amor de Sternberg* (ETAS), o *Questionário de Valores Básicos* (QVB), e o *Questionário de Iniciativa Sexual* (QIS), bem como *informações sócio-demográficas* (sexo, nível de religiosidade, tipo de relacionamento). Os resultados evidenciaram que os três componentes do amor (*intimidade*, *paixão* e *compromisso*) se correlacionaram positivamente com a subfunção valorativa *interacional*. Quanto à iniciativa sexual o componente do amor *paixão* se correlacionou positivamente com a dimensão *poder/independência*. Já os componentes intimidade e compromisso se correlacionaram positivamente com a dimensão *afetividade/dependência*. O segundo estudo objetivou verificar a relação entre as representações dos participantes acerca de seus relacionamentos amorosos e as variáveis sócio-demográficas. Participaram deste estudo 349 indivíduos com idade média de 23 anos e em relacionamento estável. Constatou-se que somente as variáveis fixas nível de religiosidade, tipo e tempo de relacionamento demonstraram relevância na composição do espaço gráfico, haja vista a variável sexo não ter emergido no plano fatorial. Espera-se que todas as informações e os resultados encontrados possam contribuir para compreensão e para o avanço da pesquisa sobre este tema complexo e intrigante no âmbito das relações interpessoais, bem como forneçam dados para pesquisas futuras.

Palavras-chave: tipos de amor, valores humanos, iniciativa sexual.

ABSTRACT

Costa, J. M. (2012). Love and its relation to human values and sexual initiative. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

Love has recently become, at the empiric area, a scientific investigation goal, although during centuries it has been an speculation attribute for philosophers, poets and composers. Its structure and dynamism has been source of researches studies that dedicate themselves to the knowledge of subjects as romantic relationships and sexuality, related to interpersonal relationships. Considering that the transformations occurred on the roles and sexual attitudes of men and women may mean a rupture of conventional roles, suggesting a changing of paradigms and values, the goal of the present dissertation is to verify the relation between the love phenomena with the sexual initiative and the human values. For that, two studies were planned. At the first, it was sought to verify the relations existing between the love components (*intimacy, passion and commitment*), the evaluative sub functions (*preservation, promotion, normative, supra-personal, interactional* and *experimential*) and the sexual initiative dimensions (*affectivity/dependency* and *power/independency*). This counted with the participation of 469 people at the average age of 23 years old (ranging from 17 to 73) who answered a booklet containing the *Sternberg's Triangular Love Scale* (STLS), the *Basic Values Questionnaire* (BVQ), and the *Sexual Initiative Questionnaire* (SIQ), including also *socio-demographic information* (sex, level of religiosity, kind of relationship). The results showed that the three components of love (*intimacy, passion* and *commitment*) were positively correlated with the sub function evaluative *interactional*. As long as the sexual initiative, the component of love *passion* was positively correlated with the dimension *power/independency*. The components intimacy and commitment were positively correlated with the dimension *affectivity/dependency*. The second study aimed to investigate the relation between the representations of the participants about their love relationships and socio-demographic variables. Participants were 349 individuals at the average age of 23 years old and in a stable relationship. It was found that only the fixed variables level of religiosity, kind and time of relationship showed relevance in the composition of graphic space, once the variable sex didn't emerged in the factorial plan. It is expected that all the information and the results founded may contribute to the comprehension and to the improvement of the research about this complex and intriguing theme in the interpersonal relationships area as well as supply data for future researches.

Keywords: kinds of love, human values, sexual initiative.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Descrição dos valores propostos pelo modelo de Gouveia.....33

Quadro 2 – Codificação das Variáveis Fixas e de Opinião.....65

LISTAS DE TABELAS

Tabela 1 – Descrição dos participantes que compuseram a amostra (N= 469).....42

Tabela 2 – Valores próprios produzidos pela Análise Paralela.....46

Tabela 3 – Análise Fatorial de Componentes Principais da ETAS.....47

Tabela 4 – Correlações entre os Componentes do Amor e as Subfunções Valorativa...51

Tabela 5 – Correlações entre os Componentes do Amor e as Dimensões da Iniciativa Sexual.....53

Tabela 6 – Frequências e Porcentagens das Variáveis Fixas (N=349).....67

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1 – O triângulo do amor de Sternberg (1986) 23

Figura 2 – Representação espacial dos tipos motivacionais proposta por Schwartz.....28

Figura 3 – Dimensões, funções e subfunções dos valores básicos.....31

Figura 4 – Representação espacial dos Valores Pessoais, Centrais e Sociais (N=469).....49

Figura 5 - Representação espacial das dimensões da Iniciativa Sexual (N=469).....50

Figura 6 - Evolução do amor de acordo com o tipo de relacionamento.....55

Figura 7 - Plano fatorial de correspondência das representações de relacionamento elaboradas pelos participantes.....69

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 14
CAPÍTULO 1: O AMOR 17
1.1. O amor: diferentes concepções.....17
1.2. Teoria triangular do amor de Sternberg 21
CAPÍTULO 2: OS VALORES 26
2.1. Valores: definições e enfoques empíricos.....26
2.1.1. A teoria dos valores de Schwartz 27
2.1.2. A teoria funcionalista dos valores humanos.....30
CAPÍTULO 3: A INICIATIVA SEXUAL.....36
3.1. Iniciativa sexual.....36
CAPÍTULO 4: JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS.....39
4.1. Justificativa 39
4.2. Objetivos.....40
4.2.1. Geral 40
4.2.2. Específicos 40
CAPÍTULO 5: CORRELATOS DO FENÔMENO AMOR.....41
5.1. Estudo 1: Valores e Iniciativa Sexual como Correlatos do Amor.....41
5.1.1. Método 41
5.1.1.1. Delineamento e Hipóteses.....41
5.1.1.2. Amostra.....42
5.1.1.3. Instrumentos.....43
5.1.1.4. Procedimentos.....44
5.1.1.5. Tabulação e Análises dos dados.....45
5.1.2. Resultados.....46
5.1.2.1. Parâmetros Psicométricos das Medidas.....46
5.1.2.2. Amor, Valores Humanos e Iniciativa Sexual.....51
5.1.2.3. Amor e Variáveis Sócio-demográficas.....54
5.1.3. Discussão.....57
5.2. Estudo 2: Descrições e Correlatos dos Relacionamentos Amorosos.....63
5.2.1. Método.....63
5.2.1.1. Tipo de Estudo.....63
5.2.1.2. Amostra.....64

5.2.1.3. Instrumento.....65
5.2.1.4. Procedimento.....65
5.2.1.5. Tabulação e Análise dos Dados.....65
5.2.2. Resultados e Discussão.....66
CAPÍTULO 6: DISCUSSÃO GERAL.....73
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....76
REFERÊNCIAS.....78
ANEXOS.....85

INTRODUÇÃO

As mudanças ocorridas na contemporaneidade nos âmbitos cultural, econômico, político e social afetaram profundamente as estruturas relacionais (Amazonas e Braga, 2006), bem como a dinâmica da família e do casal forçando homens e mulheres a operar dentro de novos paradigmas (Féres-Carneiro, 1998). Tais mudanças são resultado das transformações provocadas por diversos eventos ocorridos a nível histórico-cultural e a investigação desses eventos fornece a base para o entendimento das novas concepções acerca da configuração e dinâmica das relações interpessoais na atualidade.

A Revolução Industrial proporcionou uma série de transformações a partir de meados do século XVIII, tais como sérias mudanças no comportamento humano, principalmente com relação aos relacionamentos interpessoais entre homens e mulheres, devido à inclusão feminina no mercado de trabalho e, conseqüentemente, a necessidade de participação masculina no ambiente familiar (Nogueira, 2004).

Relacionado a este acontecimento, a chamada *revolução sexual*, verificada a partir do século XX, motivou o processo de desprendimento dos costumes e de determinados códigos mais restritos de condutas, sobretudo das mulheres, acarretando diversas mudanças relativas ao gênero e a afetividade (Araújo, 2002; Bozon, 2004; Bystronski, 1995), bem como gerou transformações nos ideais e nas crenças relacionadas aos papéis da mulher na sociedade e na família, os quais lhe asseguraram direitos no casamento, no amor e na sexualidade (Silva et al., 2005).

O avanço científico-tecnológico concomitante a essas mudanças incitou modificações nos valores culturais e sociais da sociedade e, como conseqüência, influenciou as relações conjugais (Garcia e Tassara, 2003; Gomes e Paiva, 2003). Ademais, uma gama movimentos sociais atrelados a outros eventos também contribuíram substancialmente para importantes mudanças nas estruturas familiares da época, como o feminismo, a liberação do divórcio e o desenvolvimento da pílula anticoncepcional na década de 1960 e, mais posteriormente na década de 1980, o surgimento da AIDS (Gomes e Paiva, 2003).

Como conseqüência desses movimentos observa-se também uma profunda mutação das atitudes e dos comportamentos sexuais entre os gêneros, que de maneira implacável provocou uma modificação no modo como são vividas as relações e práticas sexuais das gerações seguintes (Ramos, Carvalho e Leal, 2005). Este estilo de vida

contemporâneo, como destacam Perlin e Diniz (2005), apresenta um conjunto de características contraditórias em que cada vez mais os casais sofrem pressão para manterem valores e padrões morais tradicionais e por outro lado, são forçados a se adequarem às transformações sociais, tais como as exigências do mercado de trabalho, a valorização do crescimento individual, da independência financeira e da flexibilidade no exercício dos papéis de gênero.

Considerando que as transformações ocorridas referentes aos papéis e atitudes sexuais de homens e mulheres, em uma cultura católico-cristã como a brasileira, podem significar uma ruptura de papéis convencionais, implicando uma mudança de paradigmas e valores, procurou-se na presente dissertação verificar as atitudes adotadas por homens e mulheres em nossa cultura no âmbito das relações interpessoais. Para tanto, buscou-se conhecer os *tipos de amor* predominantes na sociedade atual, bem como a influência dos *valores humanos* para explicar tais transformações, haja vista a similaridade na identidade de valores ser um possível fator desencadeador da atração interpessoal (Rodrigues, 2000), além das relações de poder estabelecidas por homens e mulheres nos relacionamentos apontadas pelas atitudes referentes à *iniciativa sexual*.

Com a finalidade de melhor situar o leitor, optou-se por dividir a revisão da literatura em três capítulos. O **Capítulo 1** aborda o fenômeno amor expondo suas diferentes concepções e teorias, bem como os instrumentos desenvolvidos para mensurar este construto e as pesquisas realizadas nos Brasil a respeito do tema. Dentre as diversas teorias, deu-se maior ênfase à Teoria Triangular do Amor de Sternberg que norteou a presente dissertação no estudo sobre o amor. O **Capítulo 2** apresenta os valores humanos considerados como guias do comportamento humano. Por fim, o **Capítulo 3** trata a respeito da iniciativa sexual abordando as condutas e as relações de poder estabelecidas por homens e mulheres nos relacionamentos interpessoais. Mais adiante, no **Capítulo 4** são expostos a justificativa e os objetivos geral e específicos da presente dissertação. No **Capítulo 5** constam dois estudos. No *Estudo 1* procura-se conhecer em que medida os valores humanos e a iniciativa sexual se correlacionam como o amor. Posteriormente, no *Estudo 2* é analisada a dinâmica de atração e distanciamento entre a descrição dos participantes acerca de seus relacionamentos e algumas variáveis demográficas. Ambos os estudos contém um *método* que engloba delineamento e hipóteses, amostra, instrumentos, procedimentos e uma descrição sucinta das análises estatísticas empregadas. Nos *resultados* são expostos os principais

achados e em seguida encontra-se a *discussão* dos resultados considerando a literatura apresentada. Posteriormente, é apresentada no **Capítulo 6** a *discussão geral* onde são expostos os principais achados e a indicação de pesquisas futuras. Em seguida, figuraram-se as *considerações finais* com as potenciais limitações da pesquisa. Na última seção consta a lista de referências e no final da presente dissertação se encontram os anexos.

CAPÍTULO 1: O AMOR

1.1. O Amor : diferentes concepções

O amor e as concepções a seu respeito são de significativa importância para a organização das diversas culturas e sociedades e, especialmente nas sociedades ocidentais, este construto tem sido entendido como a base da interação social (Beall & Sternberg, 1995). Nesse sentido, relacionar-se romanticamente é parte natural da vida da grande maioria das pessoas e elemento comum em diferentes culturas, sociedades e momentos históricos (Hatfield, Rapson & Martel, 2007), haja vista, os relacionamentos ocuparem um papel relevante na constituição das relações interpessoais, no desenvolvimento dos indivíduos, além de proporcionarem alguns dos sentimentos mais intensos e almejados no curso da vida de um ser humano adulto (Andrade & Garcia, 2009).

No campo empírico, até meados dos anos 70 houve uma ausência de estudos científicos acerca do amor e apenas recentemente este se tornou objeto de investigação científica, embora tenha sido durante séculos atributo de especulação de áreas como a filosofia e a literatura (Bystronski, 1995). Apesar da introdução tardia do amor no âmbito científico, este configura-se como tema de grande interesse entre psicólogos e pesquisadores sociais (Hendrick, Hendrick & Adler, 1988; Cassepp-Borges & Teodoro, 2007; Gouveia, Fonseca, Cavalcanti, Diniz & Dória, 2009; Sternberg & Weis, 2006). Estes destacam o papel central que o amor desempenha nas relações de intimidade, bem como sua influência nos processos de namoro, casamento e divórcio (Feldman, 1985), e se dedicam ao conhecimento de temáticas referentes à sua estrutura e dinâmica, como relacionamentos românticos e sexualidade, referentes às relações interpessoais (Acevedo & Aron, 2009; Alferes, 2002; Andrade, Garcia & Cano, 2009; Engel, Olson & Patrick, 2002; Gao, 2001; Hendrick & Hendrick, 1986; Hernandez & Oliveira, 2003; Yela, 1997,1998).

Diante disto, o amor vem sendo estudado a partir de diferentes concepções e métodos importados de campos do conhecimento como a psicologia cognitiva, a personalidade, o apego e a psicometria, entre outros (Sternberg & Barnes, 1988). Este fato tem como consequência a escassez de terminologia comum nas pesquisas referentes a este tema. Outro problema com o qual os pesquisadores tem se confrontado é o fato do

amor apresentar diferentes significados para pessoas diferentes podendo este ser tratado como uma atitude, uma emoção ou um comportamento, dificultando sua conceituação.

Considerando a literatura sobre o tema observa-se que o conceito de amor nos dias atuais é produto de um largo processo de elaboração coletiva tendo como influências mais evidentes elementos da época clássica, da filosofia platônica, do amor cortesão, do Romantismo e do Cristianismo (Mairal, 2004). Nesse sentido, o amor se constitui como uma construção social definida de diferentes formas em função do período histórico, da temporalidade, da cultura e das especificidades culturais subjacentes à sua concepção (Beall & Sternber, 1995). Tal fenômeno, portanto, não pode ser entendido como uma realidade objetiva, homogênea, irreversível e universal; antes se configura como um conceito criado, multidimensional, discursivo e produzido socialmente.

A fim de dar conta das múltiplas facetas que constituem o amor além de explicar a gama de variáveis relacionadas a ele, diversas teorias e taxonomias do amor vêm sendo propostas tendo como foco tanto os aspectos biológico e evolutivo (Buss, 2006), quanto os de natureza social e cultural (Sternberg & Weis, 2006). Algumas delas serão explicitadas a seguir.

Na década de 1970 e início de 1980, vários pesquisadores, visando a compreensão da natureza e etiologia do amor adulto, começaram a usar as ideias de John Bowlby como referencial teórico. Embora a teoria do apego proposta por este autor seja originalmente concebida para explicar a ligação emocional entre os bebês e seus cuidadores, Bowlby (1979) concebia que as relações de apego possuíam um papel muito importante na vida emocional dos adultos, sendo o apego um componente importante da experiência humana do berço até o túmulo. Desta forma, os tipos de apegos desenvolvidos pela criança na infância tenderiam a influenciar o tipo de apego expresso nas relações amorosas na fase adulta.

Hazan e Shaver (1987) conceituaram o amor romântico como um processo de ligação que segue a mesma sequencia de etapas de formação e resulta nos mesmos tipos de diferenças individuais da ligação bebê-cuidador, podendo este ser entendido a partir do funcionamento mútuo de três sistemas comportamentais: o apego, o cuidado e o sexo. Estes autores assumiram que o desenvolvimento de uma relação íntima entre duas pessoas passa pela proximidade física, sendo esta o primeiro passo para a formação do apego. Desta forma, se na infância a necessidade de segurança do bebê representa um

estimulador de proximidade, nos relacionamentos românticos adultos é a atração sexual que figura como fator de aproximação. Embora a busca de proximidade seja mais complexa na fase adulta que na infância, ela é semelhantemente facilitada pelo contato físico íntimo nestas duas etapas da vida das pessoas.

Na tentativa de se compreender o amor Zick Rubin (1970) formulou uma teoria na qual aponta semelhanças e diferenças entre o amar e o gostar. De acordo com ele, amar engloba afiliação e necessidade de pertença, predisposição para ajudar, além de exclusividade e dedicação sendo o amor interpretado como uma atitude mantida por uma pessoa em relação à outra pessoa particular relacionada a uma tendência a pensar, sentir e comportar-se de determinadas maneiras relativamente àquela pessoa. Em contrapartida, gostar refere-se à avaliação favorável, respeito e à percepção de similaridade do parceiro. Sentimentos de carinho estão mais fortemente associados à experiência amorosa, enquanto confiança e necessidade são mais característicos do gostar. Com a finalidade de mensurar os dois construtos, Rubin (1970) desenvolveu duas escalas cada uma contendo 13 itens: *Love and Liking Scale.* Rubin foi um dos primeiros pesquisadores a desenvolver um instrumento destinado a mensurar empiricamente o amor trazendo um grande avanço nas pesquisas acerca deste tema.

Outro modelo dicotômico proposto por alguns teóricos foi a distinção entre amor apaixonado e amor companheiro (Berscheid & Walster, 1969; Hatfield, 1988; Hatfield & Rapson, 1990). Tais autores descrevem o amor apaixonado, às vezes rotulado de mal de amor, amor obsessivo ou paixão, como um estado de absorção total entre dois amantes, incluindo estado intenso de excitação, emoções intensas, sentimento obsessivo de exclusividade e atração física. Tal sentimento tem um início súbito e duração breve e, em geral, a maioria dos casos de amor apaixonado termina em rompimento ou tornam-se amizade (Hatfield & Walster, 1978). A fim de mensurar tal emoção, Hatfield e Rapson (1987) construíram a *Passionate love Scale* que avalia componentes cognitivos, emocionais e comportamentais do amor apaixonado. Também chamado de amor verdadeiro ou conjugal, o amor companheiro, por sua vez, foi definido como o carinho que duas pessoas sentem uma pela outra quando suas vidas estão profundamente entrelaçadas (Hatfield & Walster, 1978). Trata-se de uma emoção menos intensa que o amor apaixonado, entretanto, é mais estável, maduro e duradouro, evoluindo de uma interação mutuamente satisfatória e de confiança. Ademais, embora o amor apaixonado

proporcione a alegria e intensidade que alimenta as fases iniciais do envolvimento, o amor companheiro conjectura ser o melhor teste de resistência ao tempo.

Posteriormente, ao observarem a variabilidade considerável na forma como as pessoas abordam as relações amorosas, alguns pesquisadores começaram a desenvolver taxonomias de diferenças individuais para caracterizar tal variabilidade, a exemplo dos estilos de amor de Lee (Hendrick & Hendrick, 1986; Lee, 1973, 1988) e dos componentes do amor de Sternberg (1986).

Desenvolvida por John A. Lee na década de 1970, a tipologia de estilos de amor pressupõe a pluralidade desse fenômeno e estabelece uma analogia das cores a fim de distinguir vários estilos de amor em detrimento a buscar uma definição que expresse a possível essência do chamdo amor verdadeiro, haja vista ser possível que o estilo de amor de uma pessoa mude durante a vida e de uma relação para outra (Cavalcanti, 2007).

Lee (1973) identifica seis estilos de amor: três primários (*eros, ludus*, e *storge*) e três secundários (*pragma, mania* e *ágape*) formados pela combinação de dois componentes primários. *Eros* refere-se a um estilo de amor erótico que começa sempre de forma avassaladora. Na interação conjugal se destacam a paixão intensa e a valorização de atributos físicos e sexuais. *Ludus* é caracterizado por um amor prazeroso e não comprometedor sendo um tipo de amor manipulativo concebido como um jogo entre parceiros. *Storge* é caracterizado por um estilo de amor geralmente iniciado a partir de um relacionamento de pura amizade. A similaridade é um ponto marcante nesse tipo de amor já que o amante estórgico seleciona atividades de sua preferência e, através delas, conhece pessoas que fazem e gostam das mesmas coisas. *Pragma* (*Storge* + *Ludus)* caracteriza um indivíduo para quem a busca de um par compatível é um problema prático a ser resolvido através de esforço. Estes operam mais no nível racional que no emocional, possuindo um estilo de relacionamento mais lógico e calculista. *Mania* (*Eros* + *Ludus*) é um amor intenso considerado imaturo e não saudável em que o amante é obsessivamente preocupado com o objeto de amor, intensamente ciumento e possessivo necessitando sempre de reafirmações de que é amado. Por fim, *Ágape* (*Eros* + Storge) é a clássica visão cristã do amor caracterizado pela doação excessiva pelo companheiro de relacionamento. Representa o estilo amoroso altruístico, muito raro de ser manifestado individualmente. Posteriormente, a fim de mensurar os seis estilos de amor propostos por Lee, Clyde Hendrick e Susan Hendrick (1986) expandiram essa

teoria e desenvolveram uma medida de auto-relato que ficou conhecida como *Love Attitudes Scale* (LAS).

Dentre as diversas teorias desenvolvidas no estudo do fenômeno amor, o presente estudo optou pela *Teoria Triangular do Amor*, desenvolvida por Robert J. Sternberg, que será descrita com mais detalhes a seguir.

1.2. Teoria triangular do amor de Sternberg

O amor é, segundo Beall e Sternberg (1995), um fenômeno socialmente construído definido de diferentes maneiras em função das culturas onde tem lugar e traduzido como uma experiência emocional não universal. A partir desta premissa Robert J. Sternberg, na década de 1980, formulou uma teoria do amor que contribuiu para o aprofundamento do estudo das relações interpessoais bem como se tornou uma referência teórica e empírica para outros estudos que analisam o amor sistematicamente e permitiu, a partir desta, o desenvolvimento de abordagens novas e mais integradas.

Considerada dentre os vários modelos teóricos a mais utilizada e difundida no mundo científico, a *Teoria Triangular do amor* desenvolvida por Sternberg fornece taxonomias do amor presumindo três componentes essenciais ao fenômeno do amor: *Intimidade, Paixão* e *Compromisso* (Bystronski, 1995). Estes três componentes principais formam os vértices de um triângulo, onde cada elemento manifesta um aspecto diferente do amor e quando combinados geram sete tipos possíveis de amor (Sternberg, 1986).

O componente *intimidade*, localizado no topo do triângulo, refere-se a sentimentos de proximidade e vinculação nos relacionamentos amorosos. Este componente abarca ainda sentimentos que ascendem, essencialmente, da experiência de aconchego no relacionamento amoroso (Sternberg, 1997). Elementos como desejo de promover o bem-estar do outro, experiência de felicidade por amar o outro, compreensão e respeito mútuo, disposição de dar e receber apoio emocional, valorização e consideração pelo ser amado entre outros caracterizam um relacionamento onde há intimidade. Este componente está presente na maioria dos relacionamentos amorosos seja de amantes, de membros da família ou de amigos.

A *paixão* refere-se às unidades que conduzem ao romance, atração física, relação sexual e localiza-se no vértice esquerdo do triângulo (Gao, 2001). Consiste em fontes

motivacionais que levam à experiência apaixonada, como a excitação. Num relacionamento amoroso, as necessidades sexuais podem predominar (Sternberg, 1997), no entanto outras necessidades como autoestima, união, dominância, submissão, autorrealização, entre outras, também podem contribuir para a vivência da paixão. Dos três é o mais fácil de ser reconhecido, não significando que seja o mais fácil de definir ou controlar. A paixão é descrita a partir de sensações românticas, atração física e o desejo de estar junto, satisfação e contentamento sexual mútuos além de excitação física e emocional. Este componente só é comum nos relacionamentos românticos (Hernandez, 1999).

O vértice direito do triângulo é representado pelo fator *compromisso*. Este componente está relacionado, num aspecto mais restrito, à decisão por amar alguém, e num aspecto mais abrangente, ao compromisso desse alguém para manter este amor, muito embora estes dois aspectos não precisem necessariamente aparecer simultaneamente. Desta forma, pode-se amar alguém mesmo que não esteja comprometido a manter o relacionamento ou pode-se estar comprometido com o relacionamento reconhecendo que não é amado pela outra pessoa (Sternberg, 1997). Para que um relacionamento dure é essencial que haja comprometimento (Hernandez, 1999), bem como a certeza de que se sente um tipo especial de amor atrelada à decisão de investir no relacionamento por um determinado período de tempo ("a longo prazo", "para sempre", etc.) , além da compreensão que o relacionamento é mais que um capricho passageiro. Tal componente raramente se apresenta em outros tipos de relacionamento que não os românticos.

Os três componentes do amor interagem entre si e sua preponderância pode diferenciar de um relacionamento para outro ou mesmo no decorrer do tempo dentro de um mesmo relacionamento. Estes geram sete possíveis tipos de amor quando combinados e representam formas mais intensas de amar, enquanto a ausência dos três componentes caracteriza a ausência de amor (Sternberg, 1997). Os diferentes tipos de amor são descritos em seguida: *carinho* (intimidade com ausência de paixão e compromisso) representa um sentimento próximo à amizade; *amor apaixonado* (paixão com ausência de intimidade e compromisso) concebe um sentimento de intensa atração e excitação pelo outro; *amor vazio* (compromisso e ausência de paixão e intimidade); característico das relações onde a união é motivada por elementos externos e pelo compromisso em manter o relacionamento; *amor companheiro* (intimidade +

compromisso) característico dos casais que permanecem unidos (compromisso) e amigos (intimidade) mesmo depois que a atração física (paixão) termina; *amor ilusório* (paixão + compromisso) presença de atração física (paixão) relacionada à decisão de investir no relacionamento (compromisso) sem que tenha tido tempo de estabelecer qualquer vínculo de intimidade; *amor romântico* (paixão + intimidade) cumplicidade bastante forte (intimidade) e atração física e emocional na mesma proporção (paixão), porém sem motivos lógicos para investir no relacionamento (compromisso) e *amor completo* (combinação plena dos três componentes).

Sternberg (1986) destaca que os tipos de amor não são estáveis, permanentes; e que o equilíbrio entre estes três componentes pode mudar dentro da relação no decorrer do tempo, por exemplo: a paixão que ao longo do tempo vai esfriando no relacionamento pode vir a se transformar em amor companheiro. Segundo o autor, é provável que a manutenção de um amor completo seja ainda mais difícil que alcançá-lo, sendo de extrema importância traduzir os componentes do amor em ação. Dito isto, Sternberg adverte que sem expressão, mesmo o maior dos amores, pode morrer. As relações entre os componentes do amor apontados por Sternberg são esquematizadas na Figura 1.

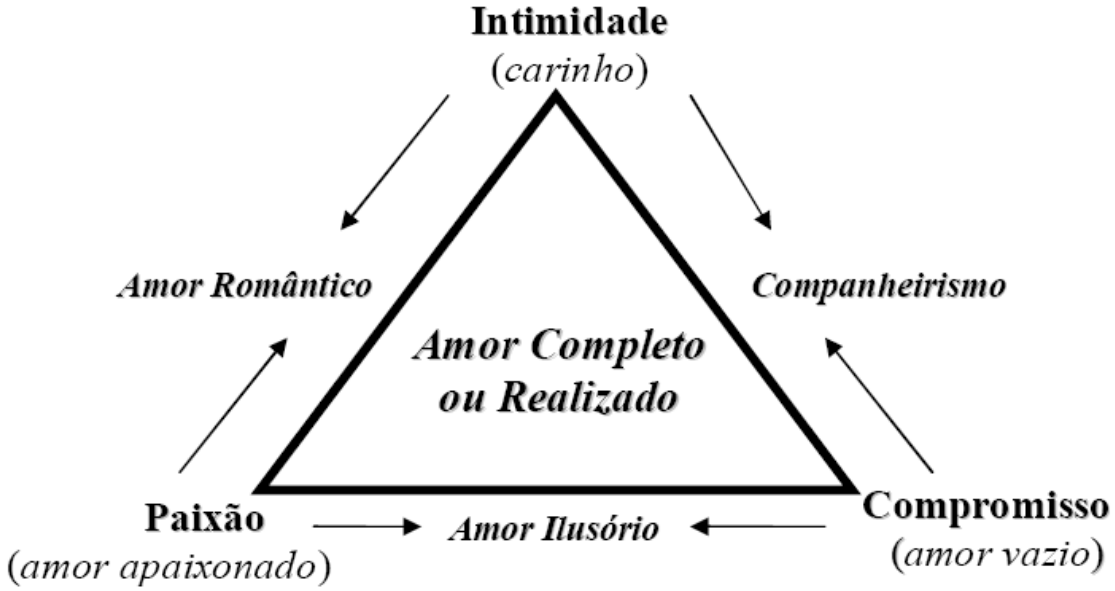

Figura 1. O triângulo do amor de Sternberg (1986).

Mensuração do triangulo do amor

Na tentativa de mensurar o construto em questão, Sternberg desenvolveu uma escala, baseada em alguns aspectos de sua teoria, denominada *Escala triangular do amor de Sternberg* (ETAS). A escala que contém 45 itens que descrevem os três componentes do amor foi inicialmente validada nos Estados Unidos, a fim de verificar o quão bem esta se aplica aos relacionamentos amorosos, e reuniu boas propriedades psicométricas (Sternberg, 1997); ademais, sua validação em outros países obteve resultados semelhantes.

No Brasil, foram encontrados poucos trabalhos científicos utilizando a Escala Triangular do Amor (Hernandez, 1999; Custódio, 2002; Cassepp-Borges & Teodoro, 2007; Cavalcanti, 2007; Karwowski-Marques, 2008; Gouveia *et al.*, 2009; Cassepp-Borges, 2010), sendo em sua maioria teses e dissertações. Entretanto, apenas dois trabalhos foram publicados em revista científica, apontando para uma limitação de estudos brasileiros que utilizam o instrumento em questão. Alguns desses estudos trouxeram a relação dos componentes do amor com outras variáveis como o ciúme e as reações a cenários de infidelidade (Cavalcanti, 2007), satisfação nos relacionamentos (Cassepp-Borges & Teodoro, 2007), além de ansiedade e depressão (Karwowski-Marques, 2008).

Cassepp-Borges e Teodoro (2007) e Gouveia *et al.* (2009) realizaram a validação da ETAS no Brasil e encontraram propriedades psicométricas satisfatórias e adequadas para a utilização desta medida no país. Entretanto, destaca-se uma limitação quanto a amostra utilizada nos dois estudos, haja vista, ambas serem de estudantes universitários e estarem restritas a populações do sul do Brasil (Cassepp-Borges & Teodoro, 2007) e da cidade de João Pessoa (Gouveia *et al.*, 2009). Os dois estudos, visando o aperfeiçoamento desta medida, também propuseram uma versão reduzida da mesma, uma com 18 itens (Cassepp-Borges & Teodoro, 2007) e outra com 15 itens (Gouveia *et al.*, 2009), e ambas revelaram que as propriedades psicométricas originais foram mantidas se mostrando adequadas para se mensurar o amor. É válido destacar ainda que os dois estudos utilizaram traduções distintas da escala o que dificulta a comparação dos dados de pesquisa.

Mais recentemente, Cassepp-Borges (2010) em sua tese de doutorado, realizou um estudo de validação da ETAS utilizando uma amostra de 1549 participantes de 13

unidades da federação brasileira. A ETAS apresentou uma boa validade fatorial e índices de precisão adequados, incluindo validade preditiva. Nesse estudo, também foi proposta uma nova versão reduzida da ETAS, agora com 20 itens: sete itens no fator *intimidade*, sete no fator *compromisso* e seis no fator *paixão*. Os níveis de consistência interna mostraram-se muito bons sugerindo que se manteve a precisão na medida do amor. Ademais, a viabilidade de utilização desta medida reduzida da ETAS foi confirmada pelos elevados índices de correlação entre os fatores e com a versão completa da escala. Esta estrutura reduzida também foi corroborada por meio de uma análise fatorial confirmatória e da teoria de resposta ao item em que todos os itens mantiveram bons valores de discriminação.

Semelhante ao que ocorre com outras teorias psicométricas, esta teoria apresenta algumas limitações, como o fato de não se basear diretamente na análise dos processos evolutivos e psicossociais envolvidos nas relações amorosas (Alferes, 2002). No entanto, a *Teoria Triangular do Amor* de Sternberg é sob o ponto de vista descritivo e heurístico, nomeadamente predominante para o estudo sistemático dos relacionamentos românticos e a utilização da *Escala Triangular do Amor* no contexto da pesquisa possibilitou uma maior compreensão do fenômeno amor. Neste sentido, a teoria proposta por Sternberg (1986) e os trabalhos realizados por ele referentes a esta temática tornaram-se fonte de referência teórica e empírica imprescindíveis para os estudos que têm como proposta a análise sistemática do amor. Ademais, mesmo fundamentando-se em trabalhos anteriores, o modelo de três fatores é uma potencialidade da Teoria Triangular do Amor de Sternberg reunindo evidências empíricas de sua validade (Sternberg, 1997).

A seguir, será apresentado mais um construto de interesse: os valores. Dentro desta temática serão apresentadas proeminentemente as concepções duas teorias acerca do tema: a *Teoria dos valores psicossociais* desenvolvida por Schwartz e Bilsky (1987) e a *Teoria funcionalista dos valores humanos*, proposta por Gouveia et al. (2008).

CAPÍTULO 2: OS VALORES

2.1.Valores: definições e enfoques empíricos

Os valores humanos tornaram-se, nas últimas décadas, um relevante objeto de pesquisa no campo da psicologia sendo estudados como construtos que influenciam as ações e as atitudes dos indivíduos, operando como padrões de avaliação do comportamento. Evidência disso são as numerosas publicações acerca do tema (Rokeach, 1981; Schwartz, 1994, 2001; Ros & Gouveia, 2001; Gouveia, Andrade, Milfont, Queiroga & Santos, 2003; Tamayo, 2007; Porto e Tamayo, 2007; Gouveia, Milfont, Fischer & Santos, 2008).

Milton Rokeach foi o pioneiro no estudo dos valores humanos quando diferenciou os valores humanos de construtos como atitudes e traços de personalidade, demonstrando sua centralidade no sistema cognitivo humano (Gouveia, Martinez, Meira & Milfont, 2001) além de ter apresentado a primeira definição de valores capaz de ser operacionalizada (Rokeach, 1973). Ele considera os valores como "uma crença duradoura em que um modo de conduta específico ou estado final de existência é pessoal ou socialmente preferível em relação a um modo de conduta ou estado final de existência em oposição" (Rokeach, 1973, p. 4).

O autor tem como base cinco pressupostos para definir os valores: (1) o número de valores que um indivíduo possui é relativamente pequeno; (2) todos os homens em diferentes graus possuem os mesmos valores, independentemente da cultura na qual estejam inseridos; (3) os valores encontram-se organizados em sistemas de valores; (4) os valores podem ser determinados pela cultura, pela sociedade e por suas instituições, além da própria personalidade; e (5) as consequências dos valores humanos se dão em fenômenos que podem vir a ser estudados e compreendidos pelos cientistas sociais.

Apesar de não se basear em uma abordagem teórica, Rokeach (1973) desenvolveu o *Rokeach Value Survey* (RVS), um instrumento que compreende duas listas de 18 valores cada, classificados como *instrumentais* que expressam comportamentos ou qualidades morais e *terminais* que se referem a metas gerais da existência. Os valores instrumentais podem ser de *competência* cuja violação promove sentimentos de vergonha ou de inadequação pessoal, ou *morais* que estão relacionados a uma perspectiva interpessoal cuja transgressão provoca sentimentos de culpa. Os

valores terminais, por sua vez, apresentam tendências *pessoais* cujo foco é intrapessoal, ou seja, situado no próprio indivíduo; e *sociais* cujo foco é interpessoal ou centrado na sociedade. De acordo com esta perspectiva, os valores são estruturados em conjunto formando um sistema de valor organizado de forma hierárquica em que cada valor é ordenado em função de sua prioridade ou importância em relação aos demais valores. Tais valores podem ser reordenados em função das prioridades do indivíduo considerando experiências sociais e pessoais; contudo, o sistema total de valores permanece relativamente estável ao longo do tempo (Gouveia, 1998).

A teoria proposta por Rokeach trouxe contribuições significativas para a consolidação e o avanço dos estudos sobre valores e o RVS serviu como base para a construção de outros instrumentos utilizados no estudo dos valores a partir de modelos teóricos mais elaborados. Dois modelos merecem destaque por se fundamentarem na estreita relação entre valores e necessidades defendida por Rokeach: o modelo de Schwartz (1992, 2005b) e o modelo de Gouveia (2003). Esses dois modelos, respectivamente, são descritos em seguida.

2.1.1- *A teoria dos valores de Schwartz*

O modelo proposto por Schwartz e Bilsky (1987) é fortemente influenciado por Rokeach (1973) e define os valores como estruturas abstratas que envolvem princípios ou crenças transituacionais que procedem das necessidades básicas do homem e das demandas sociais e guiam a seleção ou avaliação de comportamentos. Segundo esses autores, os valores são relativamente estáveis ao longo da vida, porém não imutáveis sendo estes hierarquicamente organizados considerando sua importância para o indivíduo.

Esse modelo teórico estabelece que as motivações são subjacentes aos valores e despontam a partir das metas que o indivíduo pretende alcançar na vida. Segundo Schwartz (1994), os valores retratam as tendências motivacionais do indivíduo e representam aquilo que o mesmo considera bom para si. Ele afirma que existe um número ilimitado de valores, entretanto estes podem ser organizados em um número limitado de tipos motivacionais. Partindo deste pressuposto, o autor elaborou o modelo teórico exposto a seguir (Schwartz, 1992, 2005b).

Seu modelo discrimina dez tipos motivacionais dispostos em um círculo no qual os valores estão inseridos (Figura 3). Tais tipos motivacionais tendem a ser universais e sua disposição na estrutura circular propõe um padrão de relações de conflito e congruência entre eles. Nesse sentido, a proximidade entre tipos motivacionais denota semelhanças entre as suas motivações subjacentes. Por outro lado, a distância entre os tipos motivacionais implicam antagonismo entre suas motivações subjacentes (Schwartz, 2005b).

Os dez tipos motivacionais são: autodeterminação, estimulação, hedonismo, realização, poder, segurança, conforto, tradição, benevolência e universalismo (Schwartz, 2005b). Estes estão agregados em duas dimensões bipolares e seus polos constituem os chamados fatores de ordem superior, sendo estas: Abertura à mudança (autodeterminação, estimulação e hedonismo) *versus* Conservação (segurança, conformidade e tradição) e Autotranscendência (universalismo e benevolência) *versus* Autopromoção (poder, realização e hedonismo). Tal estrutura está representada na **Figura 2** e os dez tipos motivacionais são descritos em seguida.

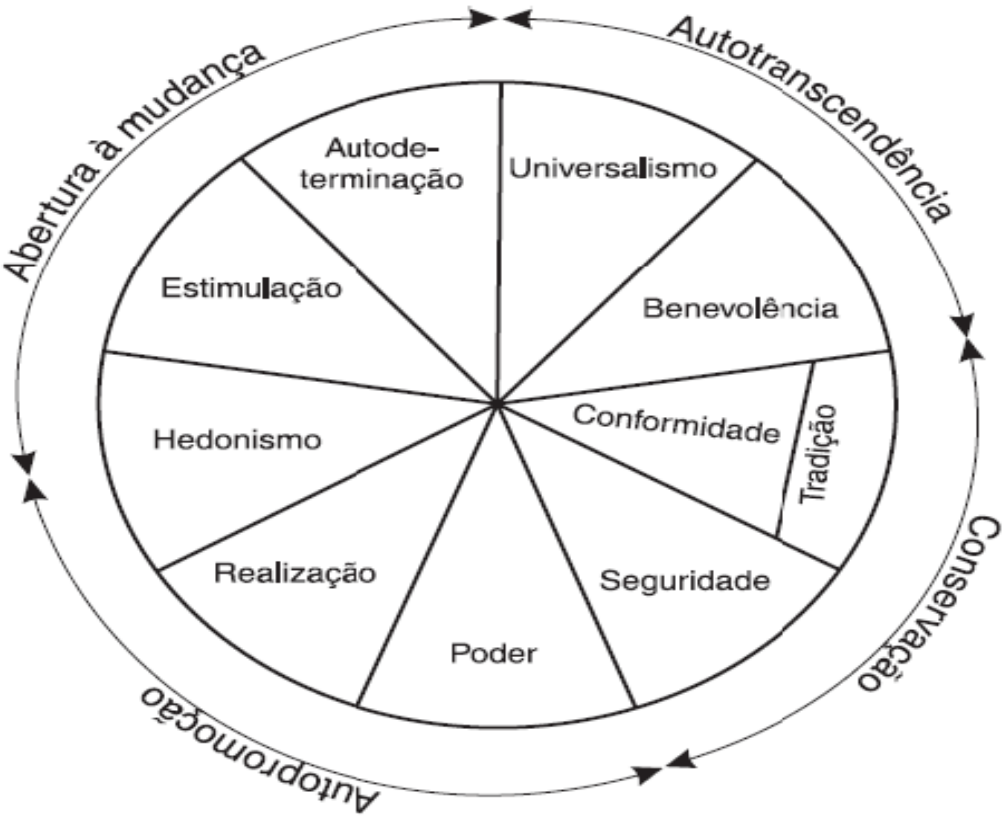

Figura 2. Representação espacial dos tipos motivacionais proposta por Schwartz.

A *Autodeterminação* refere-se à independência no pensamento e na tomada de decisão, criação e exploração. A *estimulação* está relacionada a ter excitação, novidade e mudança na vida. O *hedonismo* tem como característica o prazer ou gratificação sensual para a própria pessoa. A *realização* alude ao êxito pessoal como resultado da demonstração de competência segundo as normas sociais O *poder* refere-se à posição e prestígio social, controle ou domínio sobre pessoas e recursos. A *benevolência* faz referência a preservar e reforçar o bem-estar das pessoas próximas com quem se tem um contato pessoal freqüente e não casual. A *conformidade* refere-se a limitar as ações, inclinações e impulsos que possam prejudicar a outros e violar expectativas ou normas sociais. A *tradição* está relacionada a respeitar, comprometer-se e aceitar os costumes e as idéias que a cultura tradicional ou a religião impõem à pessoa. A *segurança* refere-se a conseguir segurança, harmonia e estabilidade na sociedade, nas relações interpessoais e na própria pessoa. Por fim, o *universalismo* está relacionado à compreensão, apreço, tolerância e proteção em direção ao bem-estar de toda a gente e da natureza.

A duas dimensões bipolares traduzem relações de compatibilidade e conflito entre os tipos motivacionais (Schwartz, 1994). Desta forma, a dimensão formada por *abertura à mudança* e *conservação* expressa o conflito entre a valorização da mudança e independência de pensamento e a manutenção do *status quo*, estabilidade e preservação das práticas tradicionais. A outra dimensão formada por *autotranscendência* e *autopromoção* expressa o conflito entre a transcendência dos interesses individuais em função dos coletivos e a busca pelo sucesso pessoal.

A considerável gama de estudos utilizando o modelo valorativo proposto por Schwartz tem reunido um conjunto de dados deveras consistentes que, de forma significativa, o suportam trans-culturalmente (Schwartz & Sagiv, 1995). Os dez tipos motivacionais e as dimensões apresentadas já emergiram em amostras de mais de 60 países onde o instrumento tem sido utilizado, demonstrando universalidade (Struch, Schwartz & Kloot, 2002).

Contudo, apesar das evidências empíricas acumuladas decorrentes da ampla gama de pesquisas realizadas utilizando a teoria de Schwartz, este modelo tem recebido críticas (Gouveia, 1998), sendo a principal delas referente ao procedimento estatístico empregado para corroborá-lo, bem como a não comprovação de alguns conflitos entre os tipos motivacionais (Gouveia, Martínez, Meira & Milfont, 2001).

2.1.2- *A teoria funcionalista dos valores humanos*

A Teoria Funcionalista dos Valores Humanos desenvolvida por Gouveia (1998, 2003a), representa uma proposta de sistematização no estudo dos valores. Esta é fundamentada no modelo de R. Inglehart e baseada na Hierarquia de Necessidades de Maslow. Tal teoria admite que os valores sejam conceitos ou categorias sobre estados desejáveis de existência que transcendem situações específicas, assumem diferentes graus de importância, guiam a seleção ou avaliação de comportamentos e eventos, e representam cognitivamente as necessidades humanas.

Gouveia, Milfont, Fischer e Santos (2008) assumem quatro pressupostos teóricos na concepção dos valores: (a) *Natureza humana.* Assume a natureza benevolente do ser humano; (b) *Princípios-guia individuais.* Apesar de existirem abordagens teóricas acerca de valores culturais, os valores são na realidade princípios-guia de um grupo de indivíduos e a cultura apenas incorpora os valores que foram úteis para a sobrevivência de grupo, tornando-os desejáveis; (c) *Base motivacional*. Admite que os valores são representações cognitivas das necessidades individuais, demandas sociais e institucionais, que restringem os impulsos pessoais e asseguram um ambiente estável e seguro; e (d) *Caráter terminal.* Considera como apropriado tratá-los como terminais, ou seja, expressam um propósito em si, sendo definidos como substantivos. A partir de análises realizadas por este autor, foram identificadas duas funções consensuais dos valores: eles guiam as ações do homem (*orientação)* e expressam suas necessidades (*motivação*).

O modelo desenvolvido por Gouveia acerca da natureza motivacional dos valores humanos tem como foco principal as funções valorativas. Este conta com outro aspecto inovador referente à inclusão do critério de orientação *central*. Rokeach (1973) divide os valores terminais em *sociais* (interpessoal), e *pessoais* (intrapessoal). Contudo, Gouveia (2003a) afirma que existem valores que figuram entre e são congruentes com os pessoais e sociais, sendo denominados por ele de *centrais*. Segundo este autor, embora não haja uma correspondência perfeita entre necessidades e valores, é possível identificá-los como expressões das necessidades humanas; todos os valores podem ser classificados como sendo *materialistas* (pragmáticos) ou *humanitários* (idealistas). Os primeiros referem-se a ideias práticas e sua ênfase implica numa orientação para metas específicas e regras normativas. Os segundos demonstram uma orientação universal,

baseada em ideias e princípios mais abstratos sendo coesos com um espírito inovador, sugerindo menos atrelamento a bens materiais. Partindo destas considerações, Gouveia et al. (2008) apresentam a estrutura teórica de seu modelo de valores (Figura 2).

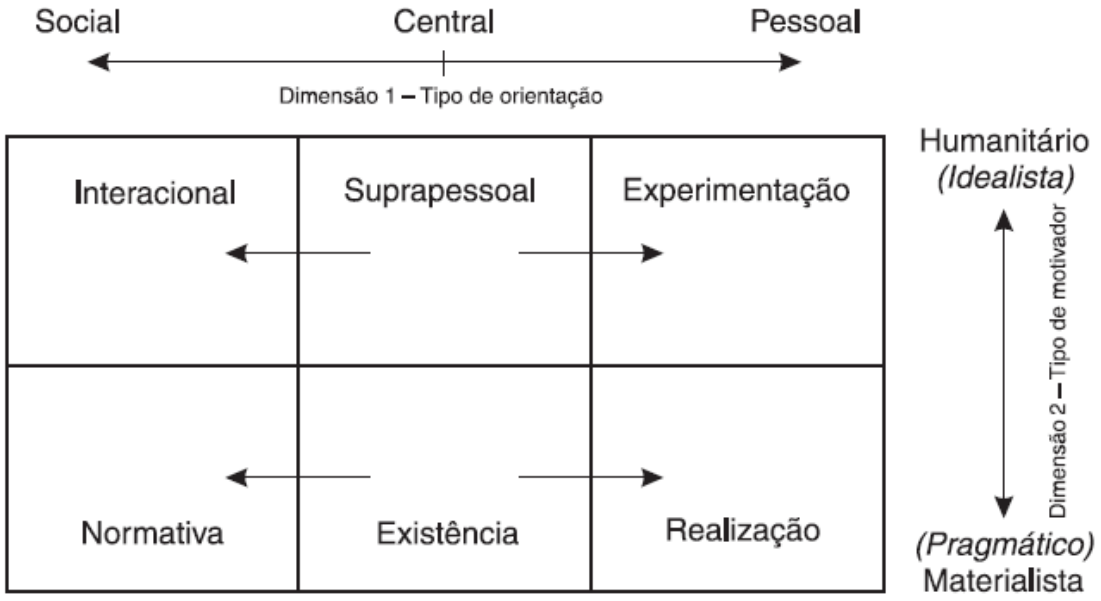

Figura 3. Dimensões, funções e subfunções dos valores básicos.

As duas dimensões funcionais dos valores formam dois eixos principais. O eixo horizontal corresponde ao *tipo de orientação* e o vertical ao *tipo de motivador*. Estas dimensões podem ser combinadas em uma estrutura 3 x 2: três critérios de orientação (*social*, *central* e *pessoal*) e dois tipos de motivadores (*materialistas* e *humanitários*), compondo seis quadrantes: social-materialista, social-humanitário, central-materialista, central-humanitário, pessoal-materialista e pessoal-humanitário.

A partir das interações dos valores ao longo dos eixos, são identificadas seis sub-funções, distribuídas de forma eqüitativa nos critérios de orientação *social* (interacionais e normativos), *central* (suprapessoal e existência) e *pessoal* (experimentação e realização). Deste modo, os tipos de motivadores são representados por meio de três sub-funções cada: de um lado, *existência, realização e normativa*, do tipo motivador *materialista*, e por outro *suprapessoal*, *experimentação e interacioanal*, que cobre o motivador *humanitário*.

A escolha do critério de orientação *pessoal* indica indivíduos que visam metas pessoais, bem como garantia de benefícios próprios e condições propícias para o

alcance de seus objetivos. Tal critério de orientação engloba as seguintes funções valorativas: *Experimentação* (emoção, prazer e sexualidade). Os valores desta subfunção representam um motivador humanitário com orientação pessoal. Estes favorecem a promoção de mudanças e inovações na estrutura das organizações sociais. Os indivíduos que adotam tais valores não aderem facilmente às regras sociais nem buscam, em longo prazo, metas fixas ou materiais. *Realização* (êxito, prestígio e poder). Esta subfunção compreende um motivador materialista, mas com orientação pessoal. Tais valores são mais apreciados por jovens adultos em fase produtiva. Pessoas orientadas por estes valores visam a busca por praticidade em decisões e comportamentos e realizações materiais.

A escolha do critério de orientação *central* está relacionada àqueles que têm interesses mistos localizados entre os valores pessoais e sociais. Este critério é formado pelas seguintes funções valorativas: *Existência* (estabilidade pessoal, saúde e sobrevivência). Compatível com as orientações pessoais e sociais dentro do domínio motivador materialista, tal subfunção valorativa tem como propósito principal assegurar as condições básicas para a sobrevivência biológica e psicológica do indivíduo. *Suprapessoais* (beleza, conhecimento, maturidade). Compreende orientação central e motivador humanitário e os valores que a compõe representam necessidades estéticas e cognitivas, além da necessidade superior de autorrealização. Ademais, pessoas que endossam tais valores tomam decisões e se comportam baseados em critérios universais.

Por fim, a escolha pelo critério de orientação *social* está relacionada à priorização da convivência social, aos interesses coletivos e à importância de ser aceito por um grupo. Este critério de orientação é formado pelas seguintes subfunções valorativas: *Interacionais* (afetividade, apoio social e convivência). Representa um motivador humanitário com orientação social, estando relacionado às necessidades de pertença, amor e aflição promovendo o estabelecimento e a manutenção das relações interpessoais do indivíduo. *Normativos* (obediência, religiosidade e tradição). Apresenta um motivador materialista e possui orientação social que reflete a importância de preservar a cultura e as normas convencionais. Endossar valores normativos evidencia uma orientação vertical, na qual a obediência à autoridade é valorizada acima de qualquer coisa. O **Quadro 1** descreve os valores pertencentes a cada uma das seis subfunções valorativas.

Função Valorativa	Valores	Descrição
Experimentação	*emoção*	Necessidade fisiológica de excitação e busca de experiências arriscadas.
	prazer	Necessidade orgânica de satisfação em sentido amplo como comer, beber ou divertir-se.
	sexualidade	Necessidade de sexo, obtenção de prazer e satisfação nas relações sexuais.
Realização	*êxito*	Ser eficiente e capaz de alcançar metas.
	prestígio	Importância do contexto social, ter uma imagem pública reconhecida.
	poder	Enfatiza o princípio de hierarquia.
Existência	*estabilidade pessoal*	Enfatiza uma vida organizada e planejada, busca por um trabalho estável e segurança econômica.
	saúde	Procura por um grau adequado de saúde evitando eventos que possam ameaçar a vida.
	sobrevivência	Princípio-guia de pessoas socializadas em contexto de escassez, que vivem sem os recursos econômicos mais básicos.
Suprapessoal	*beleza*	Necessidades estéticas; avaliação da beleza como uma ideia ou critério transcendental.
	conhecimento	Necessidades cognitivas, busca por saber mais sobre assuntos gerais.
	maturidade	Necessidade de autorrealização, satisfação pessoal e reconhecimento como um ser humano útil.
Interacionais	*afetividade*	Relaciona-se a aspectos da vida social, com ênfase nas relações familiares e íntimas compartilhando cuidado, afeto, prazer e mesmo tristeza.
	apoio social	Relação próxima com o grupo social, não se sentir só no mundo e obter ajuda quando necessite.
	convivência	Centrado nas relações pessoa-grupo no sentido de identidade, indicado pela ideia de pertencer a grupos sociais.
Normativos	*obediência*	Cumprimento dos deveres, obrigações diárias e normas sociais, respeito pelos pais e mais velhos.
	religiosidade	Reconhecimento da existência de uma entidade superior por meio da qual buscam a harmonia social para uma vida tranquila.
	tradição	Respeito a padrões morais seculares, promover e conservar a harmonia da sociedade.

Quadro 1. Descrição dos valores propostos pelo modelo de Gouveia.

Este modelo alternativo, apesar de pouco difundido a âmbito internacional, vem sendo corroborado por diversos estudos realizados em contexto brasileiro (Andrade, 2001; Coelho Junior, 2001; Gouveia, Andrade, Milfont, Queiroga & Santos, 2003b; Gouveia, Medeiros, Mendes, Vione, & Athayde, 2010; Pimentel, 2004; Milfont, 2001; Formiga & Gouveia, 2005; Belo, 2003; Guerra, 2005) se mostrando mais parcimonioso e integrador, permitindo explicar estruturas e esclarecer quais valores são priorizados pelas pessoas nas diferentes culturas, apresentando padrões satisfatórios de adequação.

Além disso, tais pesquisas têm sido realizadas em diferentes contextos culturais e com amostras variadas, incluindo crianças, e seus resultados sugerem a adequação desta tipologia.

Diante do exposto, pode-se afirmar que a *Teoria Funcionalista dos Valores Humanos* reúne aspectos importantes dentro do domínio dos valores admitindo que estes estejam relacionados aos princípios que guiam a conduta humana desde as necessidades biológicas até à complexa gama de interações sociais. Mediante as constatações até aqui apontadas, tal teoria apresenta aspectos contundentes que justificam sua adoção como referencial teórico nesta dissertação. Ademais, apesar de ser intuitiva a relação de suas sub-funções valorativas com os tipos de amor, não se encontrou qualquer estudo a respeito.

No que concerne às relações de poder estabelecidas no campo das relações íntimas vivenciadas por homens e mulheres em nossa sociedade será também tomado como objeto de estudo o fenômeno da *iniciativa sexual* descrito a seguir.

CAPÍTULO 3: A INICIATIVA SEXUAL

3.1. Iniciativa sexual

A construção do gênero vem sendo estudada como uma prática socialmente imposta (Borreli, 1998). Nesse sentido, as dimensões masculinidade e feminilidade referem-se às expectativas da sociedade em relação à adequação da postura indicada a homens e mulheres em um contexto histórico-cultural específico (Ferreira, 1995). Tais expectativas refletem-se nas cognições e atitudes de cada indivíduo e norteiam seu comportamento nas interações sociais, bem como em relação às disposições emocionais socialmente diferenciadas entre os gêneros (Formiga & Camino, 1999).

Os papéis sexuais, referentes às características, atitudes, valores e comportamentos que a sociedade especifica como apropriados para homens e mulheres (Lenney, 1991), são definidos em um processo de socialização culturalmente determinado, e são representados considerando algumas características psicológicas e condutas comportamentais (Block, 1973). Assim, às mulheres são atribuídas características como afetividade, sensibilidade, dependência, sendo papel destas cuidar da família, dos filhos e da casa além de uma postura passiva e servidora no casamento e na sexualidade. Ao homem, atribuem-se competência, racionalidade, capacidade para enfrentar o meio, êxito, sendo este responsável pelo trabalho fora do lar assegurando, assim, o sustento familiar. Diante disto, as mulheres seriam um reflexo de fragilidade, sentimentalidade enquanto os homens representariam figuras com ações pautadas em juízos racionais e detentores do poder para tomar decisões (Hutz & Koller, 1992; Paéz, Torres & Echbarría, 1990).

Até então, pesquisadores avaliavam as características masculinas e femininas de personalidade baseados em um modelo bipolar e unidimensional nos quais homens e mulheres diferem em relação a estereótipos sociais, padrões de desempenho de papéis sexuais ou preceitos aprovados culturalmente, por exemplo: homens são mais independentes e agressivos e mulheres mais dependentes e amáveis. Desta forma, o contexto social parece direcionar os indivíduos ainda crianças a agirem tal como um homem ou uma mulher devem ser (Oliveira, 1983).

Atualmente, muito tem sido escrito sobre as mudanças de papéis e atitudes sexuais, com homens exibindo emoções e mulheres sendo estimuladas a serem

assertivas e negociadoras (Oliveira, 1983). A análise destas mudanças comportamentais mostra uma aparente aproximação das trajetórias e atitudes sexuais femininas e masculinas em países desenvolvidos e a manutenção e distanciamento destas em países de origem latina ou considerados em desenvolvimento (Bozon, 2003). Entretanto, o exame mais conciso do confronto entre homens e mulheres nas várias etapas do intercâmbio sexual ainda sugere a permanência de uma divergência de gênero em que continuam sustentadas interpretações muito assimétricas da sexualidade, nas quais o desejo feminino tem menos legitimidade que o masculino. Nesse sentido, parece que as experiências sexuais dos indivíduos no mundo contemporâneo continuam a ser estruturadas por pares de oposição em constante tensão.

As complexidades das relações sexuais são investigadas em termos do desequilíbrio de poder proveniente das ideologias de feminilidade e masculinidade. Desde os anos 1950, o poder tem sido reconhecido como uma variável importante no estudo das relações amorosas. Entretanto, poucos estudos examinaram a associação entre poder e comportamento sexual, ainda que o poder seja apontado como um importante preditor potencial de comportamento sexual, sendo considerado por alguns teóricos uma variável proeminente nas relações sociais (Browning, Kessler, Hatfield, & Choo, 1999). Neste sentido, o poder parece ser a chave para as normas sociais vigentes sobre gênero e a distribuição desigual de poder entre homens e mulheres endossam papéis sexuais tradicionais que refletem a internalização de normas sociais que conferem mais poder aos homens que às mulheres (Amaro, 1995), além de ter efeito sobre a saúde e comportamentos das mulheres como a subordinação destas na sexualidade (Whitehead, 1997).

Partindo do pressuposto que o desequilíbrio de poder nas relações íntimas refletem no comportamento sexual das pessoas, alguns autores apontam que tal desequilíbrio influencia as decisões sobre as relações sexuais tais como o tipo e a frequência das práticas sexuais, bem como se manifesta através do controle sobre a iniciativa ou recusa sexual (Amaro, 1995; Blumstein e Schwartz, 1983; Dixon-Mueller, 1993). Connell (1987) afirma que a estrutura de poder fornece os meios para a autoridade masculina, controle e coerção das mulheres além de apoiar esferas desiguais de gênero. Nesse sentido, o poder pessoal dos homens, expresso pela liberdade sexual e pelo controle sobre as atividades sexuais, tem como resultado uma postura passiva por

parte da mulher e o sexo seria a espressão da dominação masculina na medida em que o homem toma a iniciativa nas relações sexuais (Rossi, 1985).

Nesse sentido, observa-se a concepção cultural da "iniciativa sexual" como exclusivamente masculina. Contudo, considerando as transformações de paradigmas e dos valores sociais que conferem mais direitos às mulheres tanto no amor quanto na sexualidade parece pertinente investigar como as pessoas se portam atualmente dentro das relações interpessoais em nossa cultura.

Considerando os aspectos tratados ao longo da revisão da literatura, o presente estudo investigará o fenômeno do *Amor*, bem como sua relação com os *valores humanos* e com *a iniciativa sexual*. Para tal, apoiar-se-á especialmente em variáveis individuais, porém no campo das relações interpessoais e no *tipo de amor* que determinada pessoa possa sentir por outra, sendo o amor avaliado enquanto fenômeno determinante nas relações românticas.

CAPÍTULO 4: JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS

4.1. Justificativa

Os relacionamentos são o cerne da nossa existência, na medida em que, ao longo de toda a vida, dependemos uns dos outros. As relações mútuas permitem a sobrevivência grupal e os laços sociais garantem maior chance de sobrevivência. Além disso, os vínculos de amor estabelecidos nos relacionamentos íntimos – existentes ou esperados – ocupam o pensamento, levam à geração de filhos além de influenciar as emoções e de proporcionar uma alegria incontrolável sendo o amor um importante preditor de emoções positivas como felicidade e satisfação (Kim e Hatfield, 2004).

Nesse sentido, somos certamente seres sociais e necessitamos da sensação de pertencimento já que quando pertencemos, quando nos sentimos apoiados por relacionamentos íntimos, quando amamos, tendemos a ser mais saudáveis e mais felizes, haja vista pesquisas mostrarem que o amor está positivamente relacionado com a felicidade, divertimento, excitação e orgulho e negativamente relacionado com raiva, desconforto, desgosto e tristeza (Gonzaga, Turner, Keltner, Campos e Altemus, 2006).

Diante do exposto, pode-se afirmar consensualmente que relacionar-se romanticamente é parte natural do processo de vida da maioria das pessoas e elemento comum em diferentes culturas, sociedades e momentos históricos. Deste modo, parece pertinente e relevante o estudo do fenômeno *amor* e de sua relação com outras variáveis como os *valores humanos*, considerados aqui como guias do comportamento humano e com a *iniciativa sexual*, elemento que muito tem a nos dizer a respeito das relações de poder existentes nos relacionamentos humanos.

Após a explanação dos temas abordados nesta dissertação e de seus desdobramentos, bem como da justificativa que confere relevância ao presente estudo, a seguir são pontuados os objetivos.

4.2. Objetivos

4.2.1- Geral

O presente estudo tem como objetivo principal verificar as relações existentes entre os fatores do amor (*intimidade*, *paixão* e *compromisso*), os componentes da iniciativa sexual (*afetividade e dependência; e poder e independência*) e as sub-funções valorativas (*existência, realização, normativa, suprapessoal, interacional* e *experimentação*).

4.2.2 – Específicos

- Conhecer os parâmetros psicométricos dos instrumentos empregados neste estudo;
- Verificar a influência das informações demográficas dos participantes (sexo, tipo de relacionamento e nível de religiosidade) sobre o fenômeno amor.
- Avaliar em que medida e direção os valores humanos e a iniciativa sexual estariam correlacionados com o fenômeno amor;
- Investigar as representações dos participantes acerca de seus relacionamentos amorosos;
- Verificar a relação entre as representações dos participantes acerca de seus relacionamentos amorosos e as variáveis sócio-demográficas.

CAPÍTULO 5: CORRELATOS DO FENÔMENO AMOR

5.1. ESTUDO 1: VALORES E INICIATIVA SEXUAL COMO CORRELATOS DO AMOR

5.1.1. Método

5.1.1.1 - Delineamento e hipóteses

Trata-se de um estudo correlacional, *ex post facto*. Desta forma, os componentes do amor foram considerados como variáveis dependentes, enquanto as sub-funções valorativas e as dimensões da iniciativa sexual figuram como variáveis independentes. Apesar de ser intuitiva a relação entre estes três construtos, haja vista não se ter encontrado qualquer estudo que versasse sobre o tema, tendo em vista o que discorre a literatura acerca dos fenômenos estudados e diante dos objetivos mencionados, formularam-se as seguintes hipóteses.

Valores e amor

Hipótese 1. Os valores de orientação pessoal se correlacionarão positivamente com o componente do amor paixão;

Hipótese 2. Os valores sociais se correlacionarão positivamente com os componentes intimidade e compromisso;

Hipótese 3. O componente do amor paixão se correlacionará negativamente com os valores sociais;

Hipótese 4. Os componentes do amor intimidade e compromisso se correlacionarão negativamente com os valores pessoais;

Iniciativa sexual e amor

Hipótese 5. O componente do amor paixão se correlacionará positivamente com o fator poder e independência.

Hipótese 6. Os componentes do amor intimidade e compromisso se correlacionarão positivamente com o fator afetividade e dependência.

Contudo, algumas pesquisas que utilizaram as Escala Triangular do Amor (Sternberg, 2007), a relacionaram com algumas variáveis demográficas, fato que pautou a formulação de algumas hipóteses apresentadas a seguir.

Variáveis sócio-demográficas e amor

Hipótese 7. O sexo dos participantes influenciará os resultados da ETAS (Gouveia *et al.*, 2009).

Hipótese 8. O tipo de relacionamento influenciará os resultados da ETAS (Cassepp-Borges & Teodoro, 2009; Cassepp-Borges, 2010; Sternberg, 1986; Yela, 1998).

Hipótese 9. Haverá influência do nível de religiosidade sobre os níveis de amor (Cassep-Borges, 2010).

5.1.1.2 – Amostra

Participaram deste estudo 469 indivíduos de três cidades nordestinas: Floriano (PI), João Pessoa (PB) e Recife (PE), sendo a maioria piauiense (46,3%). Estes eram em sua maioria do sexo feminino (59,3%), heterossexuais (94,7%), católicos (49 %) e com idade média de 23 anos (*DP* = 7,04; amplitude de 17 a 73 anos). Com relação tipo de relacionamento, 50,3% relataram estar namorando. Quanto à profissão e ao nível de escolaridade, a amostra, em sua grande maioria, foi composta por estudantes (89,6%), dentre estes 89,8% com nível superior. As informações acerca da amostra são expostas com mais detalhes na **Tabela 1** a seguir.

Tabela 1. Descrição dos participantes que compuseram a amostra (N= 469)

Variáveis	**Níveis**	**F**	**%**
Sexo	Masculino	189	40,3
	Feminino	**278**	**59,3**
Nível Educacional	Fundamental	4	0,9
	Médio	25	5,4
	Universidade	**421**	**89,8**
	Pós-Graduação	15	3,2
Religião	Católico	**230**	**49,9**
	Protestante	107	22,8
	Espírita	17	3,6
	Outra	35	7,5
	Nenhuma	61	13,0
Tipo de relacionamento	Nunca teve namorado	15	3,2
	Não tem namorado	141	30,1
	Namorando	**236**	**50,3**
	Morando juntos	13	2,8
	Casado	42	9,0
	Separado/divorciado	8	1,7
	Outro	6	1,3
Orientação Sexual	Heterossexual	**444**	**94,7**
	Homossexual	6	1,3
	Bissexual	10	2,1

5.1.1.3 – Instrumentos

Os participantes receberam um livreto contendo a *Escala Triangular do Amor de Sternberg* (*ETAS*), o *Questionário dos Valores Básicos*, o *Questionário de Iniciativa Sexual (IS)* e *Informações sócio-demográficas*. A seguir estes são sumariamente descritos:

Escala Triangular do Amor de Sternberg (ETAS). Desenvolvido por Sternberg (1997), trata-se de um instrumento composto por 45 itens subdivididos em três componentes principais do amor, cada um contendo 15 itens: *intimidade* (por exemplo, *Sinto que _____ realmente me compreende*), *paixão* (por exemplo, *Eu não imagino outra pessoa me fazendo tão feliz como _____ me faz*) e *compromisso* (por exemplo, *Espero amar _____ por toda minha vida*). Os espaços em branco não precisam ser preenchidos pelos respondentes. Pediu-se apenas para que estes imaginassem que nele

figura o nome do(a) namorado(a), noivo(a), esposo(a) ou companheiro(a). Os itens foram respondidos em uma escala do tipo Likert de 9 pontos (1 = *Não me descreve nada* e 9 = *Me descreve Totalmente*) expressando o nível que a afirmação se aplica ao relacionamento do(a) respondente com o(a) outro(a).

***Questionário dos Valores Básicos* (*QVB*)**. Este instrumento está composto por 18 itens ou valores específicos, avaliando seis sub-funções valorativas (Gouveia, 1998, 2003): *existência*, *realização*, *normativa*, *suprapessoal*, *interacional* e *experimentação*. Com o fim de respondê-lo, o participante deveria indicar o grau de importância que cada um dos valores tem como um princípio-guia na sua vida, utilizando uma escala de resposta de sete pontos, com os seguintes extremos: **1** = *Pouco Importante* e **7** = *Muito Importante*.

***Questionário de Iniciativa Sexual* (*IS*)**. A avaliação de como o respondente se percebe e a percepção que ele/ela tem do seu parceiro(a) no relacionamento foi operacionalizada por meio de 16 questões distribuídas em duas dimensões: *afetividade/dependência* e *poder/independência* (D'Amico & Roazzi, 2011). Os respondentes utilizaram uma escala tipo Likert de sete pontos (1 = *de jeito nenhum*; 7 = *muitíssimo*) para descrever aspectos de seus relacionamentos associados ao poder e ao comportamento sexual.

Informações sócio-demográficas. Finalmente, foram incluídas perguntas de caráter demográfico (por exemplo, sexo, idade, tipo e tempo de relacionamento, nível de religiosidade) para descrição da amostra.

5.1.1.4 – Procedimentos

Primeiramente, os aplicadores receberam um treinamento de como preceder durante a aplicação dos questionários. O livreto contendo os instrumentos utilizados no estudo foi respondido, em sua maioria, em salas de aula. Os coordenadores de cada curso foram contatados e receberam uma cópia do projeto de dissertação. Dado o consentimento, partiu-se à coleta dos dados.

Um termo de consentimento livre e esclarecido foi lido e assinado por todos que colaboraram com a pesquisa após receberem informações que se tratava de uma investigação acerca das relações interpessoais e sobre os objetivos da mesma. Indicou-se que a participação seria voluntária, sendo o anonimato assegurado a todos. Foram

dadas oralmente as instruções gerais de como proceder no preenchimento dos questionários. O sigilo das respostas foi garantido considerando que estas seriam tratadas de forma coletiva e estatística. Vale salientar que ainda que os dados tenham sido coletados de maneira coletiva, foi assegurado que os participantes respondessem os instrumentos individualmente. Em média, os participantes levaram 30 minutos para concluir o preenchimento dos questionários.

5.1.1.5 – Tabulação e Análise dos Dados

A versão 16 do pacote estatístico *SPSS* (*Statistical Package for the Social Sciences*) foi utilizada para tabulação e análise dos dados. Utilizaram-se estatísticas descritivas (medidas de tendência central e dispersão, distribuição de freqüência) a fim de caracterizar os participantes do estudo. A fatorabilidade da matriz foi verificada através do valor do KMO (*Kaiser-Meyer*-Olkin) e do teste de esfericidade de Bartlett. O critério utilizado para determinar o número de fatores foi a análise paralela (critério de Horn) em que são comparados os autovalores encontrados empiricamente e os autovalores gerados de forma aleatória. Realizou-se uma análise fatorial exploratória por meio do método dos Componentes Principais (PC) com a finalidade de conhecer a estrutura fatorial da medida de amor. Além disso, a consistência interna desta foi comprovada através do Alfa de Cronbach. A estrutura fatorial das medidas de valores e iniciativa sexual foi verificada através da Análise de Escalonamento Multidimensional (MDS), além da Análise Fatorial Confirmatória. Foram analisadas as correlações de *Spearman* com o intuito de verificar as relações existentes entre os fatores de amor (*intimidade*, *paixão* e *compromisso*), os componentes de iniciativa sexual (*afetividade e dependência; e poder e independência*), as sub-funções valorativas (*existência*, *realização*, *normativa*, *suprapessoal*, *interacional* e *experimentação*) e o nível de religiosidade. Foi empregada uma correlação bisserial para verificar a relação entre os componentes do amor e a variável sócio-demográfica sexo, bom como análises multivariadas de variância (MANOVA) com o intuito de averiguar se o aspecto sócio-demográfico tipo de relacionamento apresenta influência sobre os tipos de amor. Foram computadas uma série de análises de regressões lineares tipo passo-a-passo (*stepwise*) para verificar a influência das subfunções valorativas e das variáveis sociodemográficas nos componentes do amor.

5.1.2 – Resultados

Com fins de organização, os resultados obtidos foram apresentados em tópicos. Primeiramente, descrevem-se os parâmetros psicométricos das medidas empregadas neste estudo, a saber: *Escala Triangular do Amor* (Sternberg, 1997), *Questionário de Valores Básicos* (Gouveia et al., 2008) e o *Questionário de Iniciativa Sexual* (D'Amico & Roazzi, 2011). Em seguida, expõem-se os resultados das correlações entre os componentes do amor (*intimidade*, *paixão* e *compromisso*), as dimensões de iniciativa sexual (*afetividade/dependência; e poder/independência*) e as sub-funções valorativas (*existência, realização, normativa*, *suprapessoal*, *interacional* e *experimentação*) e das análises de regressão a fim de verificar o poder preditivo das subfunções valorativas em relação aos componentes do amor. Posteriormente, apresentam-se os resultados das correlações e das análises multivariadas de variância com o intuito de averiguar se os aspectos sócio-demográficos (sexo, tipo de relacionamento e nível de religiosidade) influenciam os tipos de amor. Por fim, são expostos os resultados das análises de regressão que testaram o poder preditivo das variáveis sócio-demográficas sobre os fatores do amor.

5.1.2.1 – Parâmetros Psicométricos das Medidas

Nesta seção, intenta-se conhecer evidências de validade fatorial e consistência interna dos instrumentos utilizados na presente dissertação. Tais achados são descritos a seguir.

- Escala Triangular do Amor de Sternberg

Apesar de já se contar com algumas versões brasileiras da ETAS, optou-se na presente dissertação por se utilizar a escala original (Sternberg, 1997). Primeiramente, confirmou-se a adequação de se realizar uma análise fatorial tendo sido encontrados resultados favoráveis: KMO = 0,97 Teste de Esfericidade de Bartlett, χ^2 (99) = 17331,435; $p < 0,001$. Diante disto, tomou-se como critério para definir o número de fatores os valores próprios empíricos e os valores aleatórios produzidos pela análise

paralela (critério de Horn), além da variância explicada pelos componentes da ETAS (**Tabela 2**).

Tabela 2: Valores próprios produzidos pela Análise Paralela

	Valores Próprios			
Componente	Observados	Aleatórios	% de Variância	% acumulada
1	23,62	1,65	52,5	52,5
2	2,23	1,58	4,9	57,4
3	1,54	1,53	3,4	60,8
4	1,31	1,48	2,9	63,7
5	1,19	1,45	2,6	66,4
...				
45	0,11	0,50	0,2	100

Na análise paralela, um fator é retido apenas na medida em que explica maior variância que o fator correspondente nos dados gerados aleatoriamente. De acordo com a **Tabela 2**, os três primeiros valores próprios observados foram maiores que os valores próprios gerados aleatoriamente o que corrobora que apenas três fatores são suficientes para explicar os percentuais de variância da ETAS (60,8%).

Posteriormente, optou-se pela realização de uma análise fatorial exploratória de *Componentes Principais*, fixando a extração de três fatores com rotação *varimax*, seguindo os critérios convencionais. A **Tabela 3** reporta as cargas fatoriais nos três fatores extraídos e em um fator geral do amor, além das comunalidades (h^2) que indicam a relação item-construto.

Tabela 3. Análise Fatorial de Componentes Principais da ETAS

ITENS	Intimidade	Paixão	Compromisso	h^2	Fator único (amor)
4	**0,54**	0,32		0,45	0,66
7	**0,69**	0,31		0,61	0,73
8	**0,55**	0,38	0,34	0,55	0,74
10	**0,63**	0,57		0,74	0,82
14	**0,53**	0,45	0,39	0,63	0,79
15	**0,63**	0,31	0,36	0,62	0,77
19	**0,61**	0,5		0,74	0,85
22	**0,48**	0,45	0,45	0,64	0,79
25	**0,59**		0,49	0,60	0,70
26	**0,75**	0,43		0,78	0,83
28	**0,64**	0,47		0,72	0,83
30	**0,76**	0,35		0,77	0,84
31	**0,75**		0,32	0,75	0,83
34	**0,47**	0,41	0,33	0,50	0,71
35	**0,65**		0,31	0,53	0,65
38	**0,50**		0,49	0,50	0,65
39	**0,56**		0,41	0,57	0,74
40	**0,57**	0,32	0,52	0,69	0,81
41	**0,64**			0,56	0,72
42	**0,75**	0,44		0,78	0,84
43	**0,77**			0,69	0,73
44	**0,73**	0,39		0,75	0,83
45	**0,72**			0,61	0,72
1	0,39	**0,61**		0,60	0,74
2	0,30	**0,53**		0,43	0,61
3		**0,71**		0,61	0,65
5	0,51	**0,67**		0,73	0,78
6	0,37	**0,73**		0,71	0,75
13	0,48	**0,60**		0,65	0,77
17		**0,56**		0,42	0,57

ITENS	Intimidade	Paixão	Compromisso	h^2	Fator único (amor)
18	0,51	**0,54**	0,41	0,72	0,84
20	0,52	**0,59**		0,68	0,80
21	0,38	**0,47**	0,44	0,56	0,73
23	0,40	**0,48**	0,41	0,56	0,73
9		0,41	**0,65**	0,59	0,59
11	0,32	0,35	**0,42**	0,40	0,62
12			**0,70**	0,56	0,51
16	0,35		**0,44**	0,37	0,58
24			**0,74**	0,63	0,61
27		0,51	**0,52**	0,60	0,72
29		0,47	**0,62**	0,61	0,62
32		0,36	**0,61**	0,57	0,68
33	0,50		**0,52**	0,56	0,71
36	0,36		**0,69**	0,61	0,56
37	0,32		**0,51**	0,44	0,62
Nº de itens	37	31	25		45
% de variância	26,8	18,0	16,1		52,5
α	0,98	0,97	0,96		0,98

De acordo com a **Tabela 3**, a análise dos componentes principais sugere uma estrutura empírica com três componentes que explicam, em conjunto, 62,61% da variância total. Para o cálculo da consistência interna (Alpha de Cronbach) considerou-se apenas os itens com carga fatorial superior a 0,30, independente do valor da carga nos demais fatores. Os três componentes do amor apresentaram consistência interna excelente: *intimidade* (0,98; 37 itens), *paixão* (0,97; 31 itens) e *compromisso* (0,96; 25 itens). Foram considerados os 45 itens para o cálculo da consistência interna da ETAS e obteve-se um alfa igual a 0,98.

Em suma, os três componentes do amor previstos pela teoria (Sternberg, 1986) foram encontrados e a *Escala Triangular do Amor* (Sternberg, 1997) parece reunir evidências suficientes de validade fatorial e consistência interna.

- Questionário de Valores Básicos

Com a finalidade de confirmar a existência das seis funções correspondentes aos critérios de orientação *Pessoal*, *Central* e *Social*, realizou-se uma Análise de Escalonamento Multidimensional (MDS), fixando duas dimensões. Os resultados são apresentados na **Figura 4**.

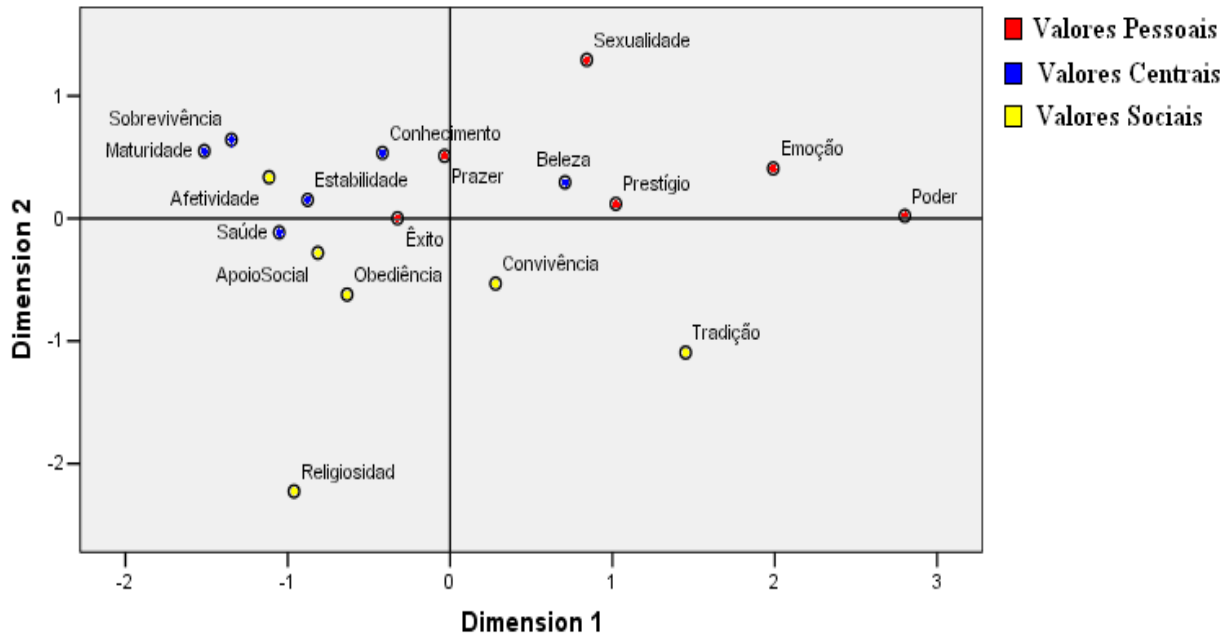

Figura 4. Representação espacial dos Valores Pessoais, Centrais e Sociais (N= 469)

De acordo com os resultados, é possível observar uma estrutura representativa dos valores que constituem os critérios de orientação *pessoal, central e social*. Os valores *pessoais* agruparam-se na parte superior no lado direito, os valores *centrais* apresentaram-se entre os dois conjuntos de valores, e os *sociais* aparecem na parte inferior da configuração. Obteve-se uma medida de S-stress igual a 0,11 e o coeficiente de correlação quadrado (RSQ) foi igual a 0,96. Estes resultados indicam um bom ajustamento dos dados. Apesar de ser heurística, esta configuração confirma a estrutura teórica relativa aos três critérios de orientação.

Além da Análise de Escalonamento Multidimensional (MDS), realizou-se uma Análise Fatorial Confirmatória (AFC), resultando nos seguintes índices de bondade de ajuste: χ^2 (125) = 286,41, $p < 0,001$; χ^2 /gl = 2,34, GFI = 0,88, AGFI = 0,83, CFI = 0,81

e RMSEA = 0,08 (IC90% = 0,08 – 0,07). Tais índices foram satisfatórios. A consistência interna (Alfa de Cronbach) do QVB foi de 0,80 para o conjunto dos 18 itens.

- Questionário de Iniciativa Sexual

Intentando ratificar a existência das duas dimensões da iniciativa sexual, *afetividade/dependência* e *poder/independência*, realizou-se uma Análise de Escalonamento Multidimensional (MDS), fixando duas dimensões. Os resultados são apresentados na **Figura 5**.

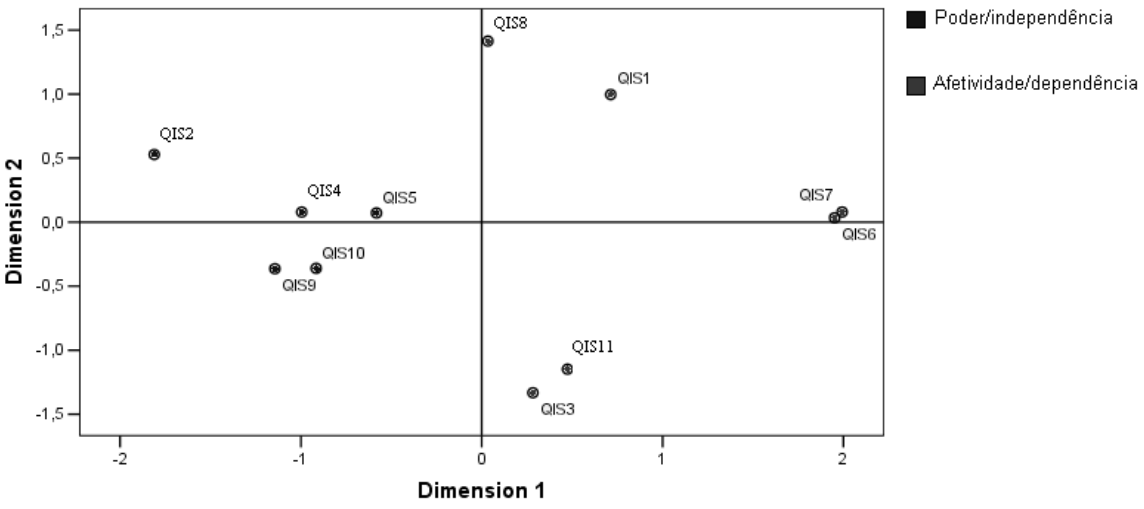

Figura 5. Representação espacial das dimensões da Iniciativa Sexual (N= 469)

Os pontos expressos no gráfico representam os itens que formam as duas dimensões da iniciativa sexual. De acordo com os resultados, os itens que compõem a dimensão poder/independência, em azul, agruparam-se do lado esquerdo da configuração enquanto os que concebem a dimensão afetividade/dependência, em vermelho, estão localizados no lado direito. Esse posicionamento confirma a oposição entre as duas dimensões referentes às características inerentes a cada uma. Obteve-se uma medida de S-stress de 0,18 e o RSQ (coeficiente de correlação quadrado) foi de 0,81 indicando um ajustamento satisfatório dos dados. Neste sentido, a partir desta configuração é possível supor uma estrutura representativa das dimensões que constituem a iniciativa sexual.

5.1.2.2 – Amor, Valores Humanos e Iniciativa Sexual

Com o fim de conhecer em que medida e direção os componentes do amor (*intimidade, paixão e* compromisso) se associavam com as pontuações nas subfunções valorativas (*interacional, normativa, suprapessoal, existência, experimentação e realização*) e com as dimensões da iniciativa sexual (*afetividade/dependência e poder/independência*), calcularam-se correlações de *Spearman.* Os resultados foram organizados em duas partes principais, relativas aos objetivos do estudo: (a) relação entre o amor e os valores e (b) relação entre o amor e a iniciativa sexual. Estes foram descritos considerando as hipóteses formuladas.

- Amor e valores

Primeiramente, procurou-se conhecer a relação entre os componentes do amor e as subfunções valorativas. Os resultados são descritos considerando as cinco primeiras hipóteses formuladas. A matriz de correlação é apresentada na **Tabela 4** a seguir. Para tornar a apresentação dos resultados mais clara, tomaram-se como referência as variáveis que podem ser pensadas como dependentes, isto é, os componentes do amor.

Tabela 4. Correlações entre os Componentes do Amor e as Subfunções Valorativas

Subfunções Valorativas	**Componentes do amor**			
	Intimidade	Paixão	Compromisso	AMOR
Interacional	0,22**	0,27**	0,22**	0,24**
Normativa	0,13**	0,20**	0,19**	0,17**
Suprapessoal	0,15**	0,18**	0,13**	0,14**
Existência	0,12*	0,14**	0,11*	0,12*
Experimentação	0,11*	0,18**	0,10*	0,14**
Realização	0,04	0,10*	0,06	0,07

Nota 1 = *$p < 0,05$, **$p < 0,01$.

Intimidade. Embora todos os coeficientes de correlação tenham sido positivos, foram algo mais fracos (r = 0,11 a 0,22), sendo que uma das subfunções apresentou coeficiente não significativo ($p > 0,05$): *realização* (r = 0,04). O componente intimidade apresentou correlação mais forte com a subfunção *interacional.*

Paixão. A importância atribuída a este componente do amor se correlacionou direta e significativamente com a pontuação em todas as subfunções valorativas (r = 0,10 a 0,27; $p < 0,01$), entretanto todos os coeficientes foram fracos. Este componente também se mostrou mais fortemente correlacionado com a subfunção *interacional.*

Compromisso. Este componente se correlacionou positivamente com cinco das seis subfunções valorativas, sendo não significativo apenas o coeficiente da subfunção *realização* (r = 0,06; $p > 0,05$). Assim como os outros dois componentes do amor, este apresentou maior correlação com a subfunção *interacional* (r = 0,22; $p < 0,01$).

Amor. O fator geral do amor, assim como os componentes intimidade e compromisso, apresentou um coeficiente de correlação não significativo na subfunção realização (r = 0,07, p = 0,14). Este fator geral se correlacionou positiva e significativamente com cinco subfunções valorativas (r = 0,12 a 0,24).

Considerando a **Hipótese 1** de que os valores de orientação pessoal se correlacionariam positivamente com o componente do amor *paixão*, esta foi corroborada (r = 0,17; $p < 0,01$), muito embora esta relação tenha sido fraca.

De acordo com a **Hipótese 2,** os componentes do amor *intimidade* e *compromisso* se correlacionaram positivamente com os valores pertencentes ao critério de orientação social (r = 0,20 e r = 0,24, respectivamente; $p < 0,01$), corroborando assim esta hipótese.

A **Hipótese 3**, que versava sobre o componente do amor *paixão* se correlacionar negativamente com os valores sociais não foi corroborada, haja vista tal correlação ter sido positiva (r = 0,27; $p < 0,01$). A **Hipótese 4**, por sua vez, previa que os componentes do amor *intimidade* e *compromisso* se correlacionariam negativamente com os valores pessoais. Esta também não foi corroborada já que a correlação entre tais componentes do amor e o critério de orientação pessoal foi positivamente significativa (r = 0,10, para ambos; $p < 0,01$).

Posteriormente, realizou-se uma série de regressões lineares, método *stepwise*, a fim de verificar o poder preditivo as subfunções valorativas em relação aos componentes do amor. De acordo com os resultados, apenas os valores interacionais foram preditores do componente intimidade [$F(1,44)=23,66$, $p<0,01$], explicando 5,1% da variância. Já o componente paixão apresentou duas subfunções como variáveis preditoras: interacional [$F(1,45)=39,27$, $p<0,01$] e experimentação [$F(1,44)=7,04$, $p=0,008$], explicando 8,1% e 9,5% da variância, respectivamente. Com relação ao

componente do amor compromisso, este apresentou como preditor a subfunção valorativa interacional [F(1,44) =27,22, p<0,001]. Realizou-se também uma análise com o fator geral do amor que, assim como os componentes intimidade e compromisso, também apresentou como preditor a subfunção interacional [F(1,43)=29,19, p<0,01], explicando 6,2% da variância.

- Amor e Iniciativa Sexual

Nesta ocasião, intentou-se verificar a relação entre os componentes do amor e as dimensões da iniciativa sexual, sendo os resultados interpretados considerando as **Hipóteses 5** e **6**. Na **Tabela 5** é apresentada a matriz de correlação.

Tabela 5. Correlações entre os Componentes do Amor e as Dimensões da Iniciativa Sexual

Componentes do Amor	**Dimensões da Iniciativa Sexual**	
	Poder/Independência	Afetividade/Dependência
Intimidade	0,22	0,48
Paixão	0,24	0,52
Compromisso	0,24	0,50
Amor	0,25	0,52

Nota 2 = $p < 0,01$.

Como pode ser observado na **Tabela 5**, os três componentes do amor, *intimidade, paixão* e *compromisso*, se correlacionaram positiva e significativamente com as dimensões da iniciativa sexual.

Considerando que a **Hipótese 5** previa que componente do amor *paixão* se correlacionaria positivamente com o fator *poder/independência*, esta foi corroborada ($r = 0,24$; $p < 0,01$). Entretanto, é curioso o fato deste componente ter se correlacionado também com a dimensão da iniciativa sexual *afetividade/dependência*, sendo tal relação mais forte ($r = 0,52$; $p < 0,01$).

No que concerne à **Hipótese 6**, que previa que os componentes do amor *intimidade* e *compromisso* se correlacionariam positivamente com o fator *afetividade/dependência*, esta também foi corroborada ($r = 0,48$ e $r = 0,50$

respectivamente; $p < 0,01$). Vale salientar que tais componentes também se correlacionaram com a dimensão *poder/independência*, contudo tal relação foi algo fraca ($r = 0,22$ e $r = 0,24$ respectivamente; $p < 0,01$).

Por fim, foi analisada a correlação entre o fator geral do amor e as dimensões da iniciativa sexual. Assim como os componentes do amor separadamente, este fator geral se correlacionou significativamente com as duas dimensões da iniciativa sexual (afetividade/dependência $r = 0,52$ e poder/independência $r = 0,25$, $p < 0,01$), sendo tal correlação mais forte na dimensão afetividade/dependência.

5.1.2.3 – Amor e variáveis sócio-demográficas

Nesta seção, com o objetivo de verificar se existem diferenças com relação à pontuação dos participantes nos três componentes da *Escala Triangular do Amor* (intimidade, paixão e compromisso) e as características sócio-demográficas (sexo, tipo de relacionamento e nível de religiosidade), primeiramente foi realizada uma análise de correlação bisserial tendo os componentes do amor como variáveis dependentes e o sexo dos participantes como variável independente. Em seguida precedeu-se uma análise multivariada de variância (MANOVA) considerando os componentes do amor como variáveis critérios e a religiosidade como variável antecedente. Por fim, são apresentados os resultados das análises de regressão a fim de constatar o poder preditivo das variáveis sócio-demográficas em relação aos componentes do amor.

A primeira hipótese deste conjunto de variáveis (**Hipótese 7**) previa que o sexo dos participantes influenciaria os resultados da ETAS. A fim de testá-la, realizou-se uma correlação bisserial tendo o sexo como variável independente (antecedente) e os três componentes do amor como variáveis dependentes. Esta análise permitiu comprovar a importância da variável sexo a partir de coeficientes de correlação significativos nos componentes do amor paixão ($r = 0,11$, $p = 0,02$) e compromisso ($r = 0,12$, $p < 0,01$) e no fator geral do amor ($r = 0,12$, $p < 0,05$), sendo estes positivos para o sexo masculino e negativos para o sexo feminino. Desta forma, pode-se afirmar que a **Hipótese 7** foi corroborada.

A **Hipótese 8** antevia que a variável tipo de relacionamento influenciaria os resultados da ETAS. Esta variável permite analisar a evolução do amor ao longo das fases pelas quais a relação passa, avaliando a evolução do amor a partir da maneira

como as pessoas vivenciam a relação e não apenas pelo tempo que estão juntas. Desta forma, os relacionamentos foram dispostos considerando uma sequência aparentemente lógica para sua evolução quando se observa a maior parte dos casais (Cassepp-Borges & Teodoro, 2009). Para testar tal hipótese foram realizadas análises multivariadas de variância (*MANOVA*) para verificar a existência de diferenças entre grupos no que se refere aos componentes do amor (variáveis dependentes) em função do tipo de relacionamento (namorando ou casado) dos participantes (variáveis antecedentes).

De acordo com a **Figura 6**, que apresenta a evolução dos três componentes do amor de acordo com o tipo de relação, o resultado da análise multivariada de variância indica um crescimento considerável dos níveis de intimidade e compromisso partindo da fase do namoro ao casamento. O compromisso é inicialmente o componente menos importante e aumenta gradualmente a sua intensidade ao longo do tempo. Já o componente paixão apresenta relação inversa, ou seja, há um decréscimo deste na medida em que a relação evolui. Neste sentido, a **Hipótese 8** foi corroborada, haja vista os níveis dos componentes da ETAS serem influenciados pelo tipo de relacionamento.

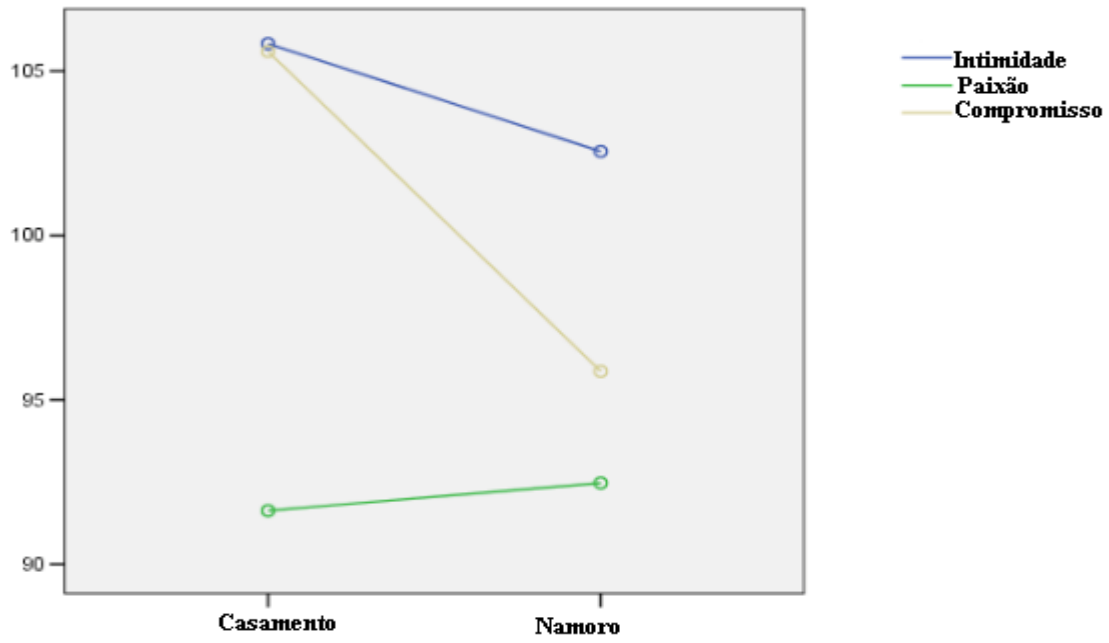

Figura 6. Evolução do amor de acordo com o tipo de relacionamento

Por fim, a última hipótese desta seção (**Hipótese 9**) previa a influência do nível de religiosidade sobre os níveis de amor. Esta foi corroborada. Os resultados da

correlação suportaram o efeito do nível de religiosidade nos três componentes do amor e no fator geral amor: intimidade (r = 0,19, p < 0,05); paixão (r = 0,14, p <0,05); compromisso (r = 0,22, p < 0,05) e amor (r = 0,19, p < 0,05). Vale salientar que somente a variável religião protestante apresentou coeficientes de correlação significativos em todos os componentes do amor e no fator geral do amor: intimidade (r = 0,10, p < 0,01), paixão (r = 0,12, p < 0,01), compromisso (r = 0,14, p < 0,01) e amor (r = 0,12, p < 0,01).

Em seguida, realizou-se uma série de regressões lineares, método *stepwise*, a fim de verificar o poder preditivo das variáveis sócio-demográficas em relação aos componentes do amor. De acordo com os resultados, a variável nível de religiosidade foi preditora do componente intimidade [F(1,30)=8,69, p = 0,03], explicando 2,8% da variância. As variáveis nível de religiosidade e sexo masculino apresentaram efeitos preditores significativos para o componente do amor paixão, explicando 1,9% [F (1,30)= 5,71, p = 0,02] e 3,5% [F(1,30) = 5,00, p = 0,03] da variância, respectivamente. As variáveis nível de religiosidade, sexo masculino e tipo de relacionamento apresentaram efeito preditor sobre o componente do amor compromisso, explicando 4,1% [F(1,30) = 13,04, p < 0,05], 6,4% [F (1,30) = 7,20, p < 0,05] e 9,9% [F(1,30) = 3,10, p < 0,05] da variância, respectivamente. Por fim, esta análise foi realizada também considerando como variável dependente o fator geral do amor. Apenas as variáveis nível de religiosidade [F(1,30) = 8,80, p < 0,05] e sexo masculino [F(1,30) = 6,30, p< 0,05] apresentaram-se como preditores do amor, explicando, respectivamente, 2,8% e 4,8% da variância. A seguir, tais resultados são discutidos.

5.1.3 – Discussão

O principal objetivo da presente dissertação foi verificar as relações existentes entre os componentes do amor (*intimidade*, *paixão* e *compromisso*), as dimensões da iniciativa sexual (*afetividade e dependência; e poder e independência*) e as sub-funções valorativas (*existência*, *realização*, *normativa*, *suprapessoal*, *interacional* e *experimentação*). Espera-se que este tenha sido alcançado, haja vista parecer haver uma contribuição dos valores humanos e da iniciativa sexual na forma como as pessoas se relacionam intimamente. A seguir são discutidos os principais achados que foram

organizados por tópicos considerando os objetivos e as hipóteses propostos nesta dissertação.

- Parâmetros Psicométricos das Medidas

Duas medidas foram consideradas no presente estudo, a saber: a *Escala Triangular do Amor* (Sternberg, 1997) o *Questionário de Valores Básicos* (Gouveia, 1998/2003a) e o *Questionário de Iniciativa Sexual* (D'Amico & Roazzi, 2011). Coerente com a literatura, tais medidas apresentaram evidências de sua validade fatorial e consistência interna.

Com relação à ETAS, sua estrutura fatorial foi identificada apresentando os três componentes propostos pela Teoria Triangular do Amor (Sternberg, 1997). Os componentes do amor intimidade, paixão e compromisso apresentaram índices de consistência interna acima de 0,90 também coerentes com os estudos desenvolvidos por Sternberg. A ETAS apresentou também cargas fatoriais elevas, no entanto vários itens saturaram em mais de um fator, fenômeno que pode ser explicado pelo fato de os fatores serem fortemente correlacionados. Deste modo, coerente com a literatura (Cassepp-Borges & Teodoro, 2007; Hernandez, 1999; Sternberg, 1997), tal instrumento apresentou propriedades psicométricas adequadas e ótimos níveis de precisão podendo ser considerado um suporte empírico à Teoria Triangular do Amor.

No que concerne ao QVB, a estrutura dos critérios de orientação e sub-funções valorativas também foi confirmada de acordo com o proposto pela Teoria Funcionalista dos Valores Humanos (Gouveia, 1998/2003a). A consistência interna para o conjunto dos 18 itens foi 0,80 e seus índices de bondade de ajuste foram bastante satisfatórios permitindo visualizar os três critérios de orientação teorizados, a saber: pessoal, central e social (Gouveia, 2003). Por fim, a análise fatorial confirmatória apoiou a adequação de organizar tais valores de acordo com suas sub-funções valorativas (*existência*, *realização*, *normativa*, *suprapessoal*, *interacional* e *experimentação*). Neste sentido, foi corroborada a adequabilidade deste modelo por meio dos seus parâmetros psicométricos.

Em relação ao QIS, a estrutura encontrada corrobora o mesmo padrão da estrutura apresentada no estudo original (D'Amico & Roazzi, 2011). A análise MDS do conjunto de itens da iniciativa sexual em duas dimensões apresentou coeficientes de

bondade de ajuste (RQS, S-Stress) aceitáveis, permitindo visualizar este construto dividido nas duas dimensões teorizadas (*afetividade/dependência* e *poder/independência*).

- Tipos de Amor e Valores Humanos

No que concerne à relação entre os componentes do amor e as subfunções valorativas, os resultados apontam que os componentes *intimidade*, *paixão* e *compromisso* apresentaram correlações mais fortes com a subfunção *interacional*. Tal achado é coerente, haja vista esta subfunção valorativa estar relacionada às necessidades de pertença, amor e filiação, bem como ao estabelecimento e manutenção das relações interpessoais das pessoas (Gouveia, 1998/2003). Esta subfunção valorativa pertence ao critério de orientação *social*. Nesse sentido, como seres sociais necessitamos da sensação de pertencimento, pois quando amamos e nos sentimos apoiados por relacionamentos íntimos tendemos a ser mais saudáveis e mais felizes.

No que concerne à relação entre os valores de orientação pessoal e o componente do amor paixão formulada na **Hipótese 1,** esta foi corroborada. O critério de orientação pessoal indica indivíduos que visam metas pessoais, bem como garantia de benefícios próprios e apresenta as subfunções experimentação e realização. A primeira engloba os valores *sexualidade* que está relacionada à obtenção de prazer sexual, *emoção* que versa sobre a busca de aventura e *prazer* que se refere à satisfação dos desejos. Já a segunda abarca os valores *êxito* relativo a obter o que se propõe, *poder* relacionado a ter poder para influenciar os outros e controlar decisões e *prestígio* que está relacionado ao reconhecimento pessoal. A relação apontada por esta hipótese parece pertinente, haja vista o componente paixão referir-se à atração física, relação e satisfação sexual, excitação, aspectos relacionados aos valores da subfunção experimentação (Sternberg, 1997). Além disso, este componente abarca necessidades como dominância, autorrealização e autoestima que podem ser atribuídas aos valores da subfunção realização.

A **Hipótese 2** que versava sobre a relação entre os valores sociais e os componentes do amor intimidade e compromisso foi corroborada. De acordo com Gouveia (1998/2003a), os valores sociais estão relacionados às necessidades de pertença, amor e aflição promovendo o estabelecimento e a conservação das relações

interpessoais do indivíduo, aspectos claramente vinculados aos componentes de amor intimidade e compromisso. O primeiro caracteriza-se pelos os sentimentos de proximidade e vinculação nos relacionamentos amorosos e pelo foco emocional no outro, trazendo ainda elementos como a promoção do bem-estar do parceiro e oferta de apoio emocional. O segundo, por sua vez, está relacionado à decisão por amar alguém e de investir no relacionamento por um determinado período de tempo. Nesse sentido, parece fazer sentido que pessoas que estão vivenciando um relacionamento pautado em intimidade e compromisso priorizem valores como afetividade, apoio social e convivência, pertencentes a essa subfunção valorativa.

A relação negativa prevista entre o componente do amor paixão e os valores sociais (**Hipótese 3**) não foi corroborada. A partir deste resultado infere-se que apesar deste componente do amor valorizar interesses próprios visando o contentamento de necessidades como autoestima, dominância, autorrealização e satisfação pessoal (Sternberg, 1997), a experiência da paixão está inserida no campo das relações interpessoais. Desta forma, tal característica implica na busca por vinculação e no desejo de estar junto do ser amado. Além disso, mesmo o componente paixão tendo apresentado coeficientes de correlação significativos nos dois critérios de orientação (pessoal e social), este foi mais forte no critério de orientação social. Tal aspecto pode estar relacionado ao fato de que embora os indivíduos apaixonados visem a satisfação de metas pessoais o simples fato de estar enamorado implica num envolvimento com o outro, característica inerente ao estabelecimento das relações interpessoais.

A correlação negativa prevista entre os componentes do amor intimidade e compromisso e os valores de orientação pessoal (**Hipótese 4**), não foi corroborada. Tal resultado pode ser explicado pelo fato de que mesmo que esses dois componentes do amor priorizem, em primeiro lugar, o outro em detrimento dos interesses próprios, a busca pela intimidade e a decisão por estar comprometido com alguém também estão relacionadas ao interesse e à satisfação pessoal com o relacionamento. O desejo de promover o bem-estar do ser amado, bem como o comprometimento e a certeza de sentir um tipo especial de amor representam para estes dois componentes do amor sentimentos de felicidade e contentamento com sua relação com o ser amado, sendo tais aspectos, de certa forma, uma meta pessoal, haja vista a satisfação com o relacionamento e a felicidade pessoal estarem relacionados à felicidade do outro.

Como não foram encontrados estudos que relacionassem o amor e os valores humanos, tais inferências a partir dos resultados representam dados precursores acerca desta temática, sendo necessários estudos futuros que corroborem tais achados.

- Tipos de Amor e Iniciativa Sexual

Neste tópico verificou-se a relação entre os componentes do amor e as dimensões da iniciativa sexual. Nesse sentido, formularam-se duas hipóteses que são discutidas a seguir.

A **Hipótese 5** previa que o componente do amor paixão se correlacionaria positivamente com a dimensão poder/independência da iniciativa sexual, tendo sido corroborada. Tal relação é perfeitamente aceitável, haja vista esta dimensão da iniciativa sexual se encontrar relacionada às estruturas de poder estabelecidas no relacionamento manifestadas através do controle sobre a iniciativa ou recusa sexual, domínio e coerção, e o componente paixão do amor valorizar interesses pessoais e necessidades como satisfação sexual, autoestima, autorrealização a partir do estabelecimento de um jogo de dominância e submissão.

A **Hipótese 6** também foi corroborada. Presumia-se que componentes do amor intimidade e compromisso se correlacionariam positivamente com a dimensão afetividade/dependência da iniciativa sexual. As características relacionadas a esses dois componentes do amor referentes ao envolvimento emocional, cuidado, e ao amor direcionado ao outro quase de forma unilateral remetem ao aspecto de dependência emocional característico desta dimensão da iniciativa sexual. O poder do parceiro sobre o indivíduo é evidenciado, haja vista este parecer menos envolvido afetivamente e a percepção de dependência pessoal ser menor no parceiro. Outro dado que merece destaque está no fato de que independente do sexo as pessoas apresenta uma percepção de dependência maior que seus parceiros em relação aos componentes intimidade e compromisso do amor.

É válido destacar que o componente do amor paixão também se correlacionou positivamente com a dimensão afetividade/dependência e os componentes intimidade e compromisso o fizeram com a dimensão poder/independência. Esse aspecto pode encontrar uma possível explicação no fato de que este tipo de relação seria mais

esperado em razão de algum traço de personalidade, não sendo inferido ou atribuído pelo participante em razão do tipo de amor que o caracteriza.

Considerando que o desequilíbrio de poder nas relações íntimas reflete no comportamento sexual das pessoas e sendo o poder reconhecido como uma variável importante no estudo das relações amorosas, haja vista este implicar em aspectos relevantes como a violência sexual, no uso do preservativo e na vulnerabilidade às doenças sexualmente transmissíveis, tendo efeito sobre a saúde e comportamentos, sobretudo das mulheres como a subordinação destas na sexualidade (Whitehead, 1997), são sugeridos estudos mais aprofundados a respeito desta temática.

- Características sócio-demográficas e os tipo de amor

É devidamente reconhecida a importância dos aspectos sócio-demográficos no estudo das dinâmicas relacionais afetivas, haja vista estes contribuírem na determinação de aspectos básicos do comportamento afetivo-sexual. Nesse sentido, visando a compreensão da estrutura na qual a dinâmica dos relacionamentos amorosos é arquitetada, considera-se importante o conhecimento das variáveis sócio-demográficas abordadas neste estudo, a saber: sexo, tipo de relacionamento e nível de religiosidade.

A **Hipótese 7** previa que o sexo dos participantes influenciaria os resultados da ETAS e, diferentemente de outros estudos (Cassepp-Borges, 2010; Cassepp-Borges & Teodoro, 2009; Karwowsky-Marques, 2008) que não encontraram diferenças entre sexos nos resultados da ETAS, esta foi corroborada.

A influência do tipo de relacionamento sobre os resultados da ETAS prevista pela **Hipótese 8** foi corroborada. Pesquisas apontam que a paixão é de fato um componente importante na fase inicial do relacionamento (Sternberg, 1986; Yela, 1997) e o presente estudo corrobora a perspectiva de que a paixão apresenta um decréscimo na medida em que a relação evolui. Considerando que a intimidade aumenta na medida em que o casal vai se conhecendo é perfeitamente explicável o aumento deste componente quando a relação vai ficando mais séria. Este resultado pode estar possivelmente relacionado ao rápido estabelecimento da percepção da reciprocidade nas revelações das particularidades acerca do casal e de um grande número de experiências partilhadas, fatores responsáveis pelo crescimento da intimidade, de acordo com o modelo teórico utilizado. Outra explicação plausível reside no fato da maior parte da amostra estar

envolvida em uma relação amorosa, de modo que possivelmente já estabeleceram certo nível de intimidade com seu parceiro.

Por sua vez, o compromisso foi o componente que apresentou os níveis mais evidentes de evolução, sendo este baixo na fase do namoro e apresentando um aumento considerável no casamento. Tal resultado pode estar relacionado ao fato deste componente referir-se à decisão por amar alguém e ao compromisso por manter este amor, bem como à determinação de investir no relacionamento por um determinado período de tempo (Sternberg, 1997). Estudos realizados anteriormente por Yela (1998) referentes à evolução temporal do amor apresentam curvas ascendentes para os componentes intimidade e compromisso ao logo do curso da relação amorosa. Seus estudos também apontam que é nas fases mais sérias do relacionamento (noivado, casamento) que se encontram os níveis mais elevados de intimidade e compromisso.

Por fim, a última hipótese deste estudo (**Hipótese 9**) antevia a influência do nível de religiosidade sobre os resultados da ETAS, tendo esta sido corroborada. O nível de religiosidade apresentou relação com todos os componentes do amor além do fator geral do amor. No entanto, tais correlações só foram significativas para amostra de participantes evangélicos. Esta variável também se apresentou como preditora dos três componentes do amor, além do fator geral do amor. Assim como nas pesquisas realizadas por Mahoney (2001), o presente estudo constatou que os níveis de religiosidade são maiores em relação ao componente do amor compromisso.

A religião é uma das dimensões mais importante da vida das pessoas. Ela influencia os relacionamentos na maneira como se interpreta e vive a sexualidade além de aspectos como a comunicação e a resolução de conflitos. Ademais, resultados obtidos em estudos anteriores apontam que os níveis de amor são maiores em casais que compartilham a mesma crença religiosa (Sternberg, 1997; Cassepp-Borges, 2010). Esta variável também já foi apontada como um importante preditor de compromisso e ajustamento de uma relação conjugal a longo prazo, e por consequência, do amor (Mahoney, 2001).

O fato da variável nível de religiosidade ter apresentado relação com todos os componentes do amor, bem como ter sido apontada como preditor destes pode ser explicado pelo fato de pessoas mais religiosas possuírem crenças mais conservadoras quando se trata de relacionamentos. Tal relação pode também estar relacionada à

influência da desejabilidade social ou por distorções fantasiosas acerca da qualidade da relação.

Fazem-se necessárias mais investigações nesta área, para compreender de forma mais eficaz a influência da religiosidade no amor, podendo esta ser avaliada considerando o tipo e o tempo de relacionamento dos participantes. Sugerem-se estudos futuros que complementem os achados aqui enumerados a fim de enriquecer esta área tão proeminente no âmbito das relações interpessoais.

Em suma, espera-se que todas as informações e os resultados encontrados possam contribuir para compreensão e para o avanço da pesquisa sobre este tema complexo e intrigante no âmbito das interações humanas, fornecendo dados para pesquisas futuras e trazendo novas e relevantes contribuições para o estudo das relações interpessoais.

5.2. ESTUDO 2: DESCRIÇÕES E CORRELATOS DOS RELACIONAMENTOS AMOROSOS

Este segundo estudo foi elaborado com o intuito de conhecer as representações dos participantes acerca de seus relacionamentos amorosos, bem como verificar a relação entre estas representações e algumas variáveis sócio-demográficas a partir da dinâmica de atração e distanciamento existente entre elas.

5.2.1 – Método

5.2.1.1 – Tipo de Estudo

Trata-se de uma pesquisa multimétodo (qualitativo e quantitativo). O aspecto qualitativo tem caráter exploratório e refere-se ao conhecimento da subjetividade e à apreensão de motivações não explícitas. Já o aspecto quantitativo aplica-se ao caráter mensurável da realidade e visa determinar o perfil de um grupo de pessoas, tendo como base características comuns.

5.2.1.2 – Amostra

De início, contou-se com uma amostra de 469 participantes. No entanto, utilizou-se como critério de exclusão o fato de se deixar em branco o estímulo indutor (descrição do relacionamento) ou qualquer uma das variáveis fixas, a saber: sexo, nível de religiosidade, tipo e tempo de relacionamento. Eliminados os sujeitos que não atendiam ao critério supracitado, a amostra passou a contar com 349 participantes, a maioria estudantes universitários (88,8%), do sexo feminino (60,5%), com idade média de 23 anos (DP= 6,47, amplitude de 17 a 52 anos). Quanto à religião, a maioria era católica (48,1%) e com relação à orientação sexual, a grande maioria se declarou heterossexual (96,8%).

5.2.1.3 – Instrumento

Foi utilizado como estímulo indutor uma única pergunta na qual se solicitava ao participante que descrevesse seu relacionamento com seu parceiro usando três palavras. Além disso, os participantes responderam um questionário sócio-demográfico de onde foram extraídas as variáveis fixas.

5.2.1.4 – Procedimento

Como a pergunta fazia parte do livreto contendo os instrumentos utilizados no Estudo 1, a aplicação seguiu os mesmos procedimentos: obtenção da autorização, exposição do tema e objetivos da pesquisa, indicação da participação voluntária, garantia de anonimato e sigilo das respostas, assinatura de um termo de consentimento livre e esclarecido além do fornecimento das instruções de como proceder no preenchimento dos questionários. Antes da aplicação, foi informado ao participante que se no momento da coleta ele não estivesse envolvido com alguém, que pensasse na última pessoa com a qual se relacionou. Contudo, caso o participante nunca tivesse se envolvido com alguém que respondesse à pergunta considerando a pessoa com a qual se encontrasse mais próxima ou em termos de como idealiza um relacionamento.

5.2.1.5 – Tabulação e Análise dos Dados

Os dados coletados foram processados através do software *Tri-Deux-Mots* que engloba um conjunto de cinco programas computacionais, *Impmot, Tabmot, Ecapem, Anecar* e *Planfa* (Cibois, 1995) sendo utilizado para o tratamento de dados quali-quantitativos de questões abertas e/ou fechadas e, sobretudo, da associação livre de palavras. Este software permite a representação gráfica da dinâmica de atração e distanciamento entre as características dos grupos (variáveis fixas) e as modalidades de respostas (variáveis de opinião).

Visando a apreensão das representações dos participantes acerca de seu relacionamento, definiu-se como variável de opinião (estímulo indutor) a descrição dos participantes de seu relacionamento e como variáveis fixas o sexo, o nível de religiosidade, o tipo e tempo de relacionamento. A descrição detalhada das variáveis consideradas neste estudo se encontram no **Quadro 2.**

Quadro 2. Codificação das Variáveis Fixas e de Opinião

Variável de Opinião (Estímulo indutor)			
Descrição dos participantes acerca do seu relacionamento			
Variáveis Fixas			
Sexo	**Nível Religioso**	**Tipo de relacionamento**	**Tempo de Relacionamento**
1 - Masculino 2 - Feminino	1 - Nada religioso 2 - Pouco religioso 3 - Razoavelmente religioso 4 - muito religioso	1 – não tem namorado agora 2 – tem namorado 3 – casado, em união estável ou morando junto	1 – de 1 a 24 meses 2 – de 25 a 120 meses 3 – de 121 a 408 meses

Finda esta etapa, as respostas dos participantes foram digitadas originando um banco de dados com formato específico para ser processado no *Tri-Deux-Mots*, e a partir das modalidades de respostas construiu-se um dicionário. O formato com que as palavras forma digitadas era específico e estas poderiam conter até sete dígitos e não poderiam ser acentuadas, por exemplo, a palavra "confiança" foi codificada como "confian". Por fim, as respostas dos participantes no banco de dados se encontravam nesse formato: 1322estavel romanti duradou*. Tais dados descrevem as características

de um participante: (1) sexo masculino, (3) razoavelmente religioso, (2) tem namorada e (2) relaciona-se entre 25 e 120 meses. Quanto às variáveis de opinião, o participante descreve seu relacionamento como estável, romântico e duradouro.

Para análise dos dados fornecidos pelas respostas dos participantes do questionário sócio-demográfico foram calculadas frequências e porcentagens. Já a análise dos dados gerados a partir das respostas ao estímulo indutor, bem como a relação entre estes e as variáveis fixas (sexo, religiosidade, tipo e tempo de relacionamento) foram interpretados por meio da Análise Fatorial de Correspondência (AFC).

A Análise Fatorial de Correspondência (AFC) permite representar graficamente os resultados em eixos fatoriais que definem relações de proximidade e distância entre universos semânticos, os grupos que os produzem e os estímulos a que se referem (Amâncio, 1992). Deste modo, esta técnica possibilita a elaboração de eixos que evidenciam os resultados apresentados num campo representacional distribuídos de maneira oposta sobre os fatores F1 e F2. O gráfico gerado pelo *Tri-deux-Mots* a partir da realização da AFC reporta a atração manifesta entre as variáveis fixas e as variáveis de opinião. Deste modo, as primeiras encontram-se em colunas e as últimas em linhas sendo compostas por adjetivos e quando cruzadas evidenciam a dinâmica de atração e distanciamento entre as modalidades de resposta e as características dos grupos.

5.2.2 – Resultados e Discussão

A nível de organização, os resultados obtidos foram apresentados em tópicos. De início, apresentam-se os resultados gerados a partir dos dados sócio-demográficos (variáveis fixas) que ilustram as características dos participantes. Posteriormente, são apresentadas as modalidades de respostas dos participantes e sua relação com as variáveis fixas derivadas da análise fatorial de correspondência que revela a dinâmica de atração e distanciamento entre o estímulo indutor (descrição do relacionamento amoroso) e características dos grupos (sexo, nível de religiosidade, tipo e tempo de relacionamento).

- **Variáveis Fixas**

A partir do cálculo das frequências e porcentagens dos dados acerca das respostas dos participantes ao questionário sócio-demográfico, obtiveram-se os seguintes resultados: a maioria dos participantes era do sexo feminino (60,5%), se declarou razoavelmente religiosa (49,9%) e relatou estar namorando (60,2%). Quanto ao tempo de relacionamento, a maioria revelou estar se relacionando por pelo menos dois anos (61,9%). Tais resultados são detalhados na **Tabela 6**.

Tabela 6. Frequências e Porcentagens das Variáveis Fixas (N=349)

Varáveis Fixas	**Níveis**	**F**	**%**
Sexo	Masculino	138	39,5
	Feminino	**211**	**60,5**
Nível de Religiosidade	Nada religioso	34	9,7
	Pouco religioso	62	17,8
	Razoavelmente religioso	**174**	**49,9**
	Muito religioso	79	22,6
Tipo de relacionamento	Não tem namorado agora	87	24,9
	Tem namorado	**210**	**60,2**
	Casado/união estável/morando junto	52	14,9
Tempo de relacionamento	De 1 a 24 meses	**216**	**61,9**
	De 25 a 120 meses	116	33,2
	De 121 a 408 meses	17	4,9

Conhecidas as características dos participantes tomadas como variáveis fixas deste estudo, partiu-se para os resultados da relação entre as variáveis fixas supracitadas e a variável de opinião.

- **Análise Fatorial de Correspondência**

Nesta seção são apresentados os resultados visando a concretização de dois objetivos: investigar as representações dos participantes acerca de seus relacionamentos amorosos e verificar a relação destas e as variáveis sócio-demográficas mediante a realização da Análise Fatorial de Correspondência (AFC).

Foram registradas 893 palavras como resposta ao estímulo indutor. Dentre estas, 340 foram diferentes, reduzidas após o agrupamento por similaridade semântica realizada pelo *Tri-Deux-Mots*. Das palavras diferentes o programa revelou 48 que constituíram o plano fatorial, determinado pelas representações que mais contribuíram à formação dos eixos ou fatores (F1 e F2). Tais palavras possuem carga fatorial média de 20,83.

As modalidades de resposta dos participantes possibilitaram a emersão de campos semânticos sobre as representações acerca de seus relacionamentos amorosos distribuídos nos dois fatores, ou eixos (F1 e F2), e interpretados pela Análise Fatorial de Correspondência. A análise dos resultados revelou que o Fator 1, explicou 32,2% da variância total das respostas (valor próprio = 0,075), enquanto o Fator 2, explicou 21,2% de variância (valor próprio= 0,049). Na totalidade, os dois fatores tiveram poder explicativo de 53,4% da variância total das respostas.

A partir da análise da representação gráfica dos planos fatoriais (F1 e F2), verificaram-se alguns destaques característicos dos discursos dos participantes que revelam como se estrutura a representação acerca de seus relacionamentos amorosos, conforme pode ser observado na **Figura 7**. A análise do plano fatorial é feita por meio de um jogo de oposições evidenciadas pelas respostas ao estímulo indutor (modalidades de reposta) proveniente dos resultados da AFC. Esta permite mostrar uma estrutura principal comparada a outros elementos do campo representacional e, portanto, a expressão da organização cognitiva acerca de um objeto representado.

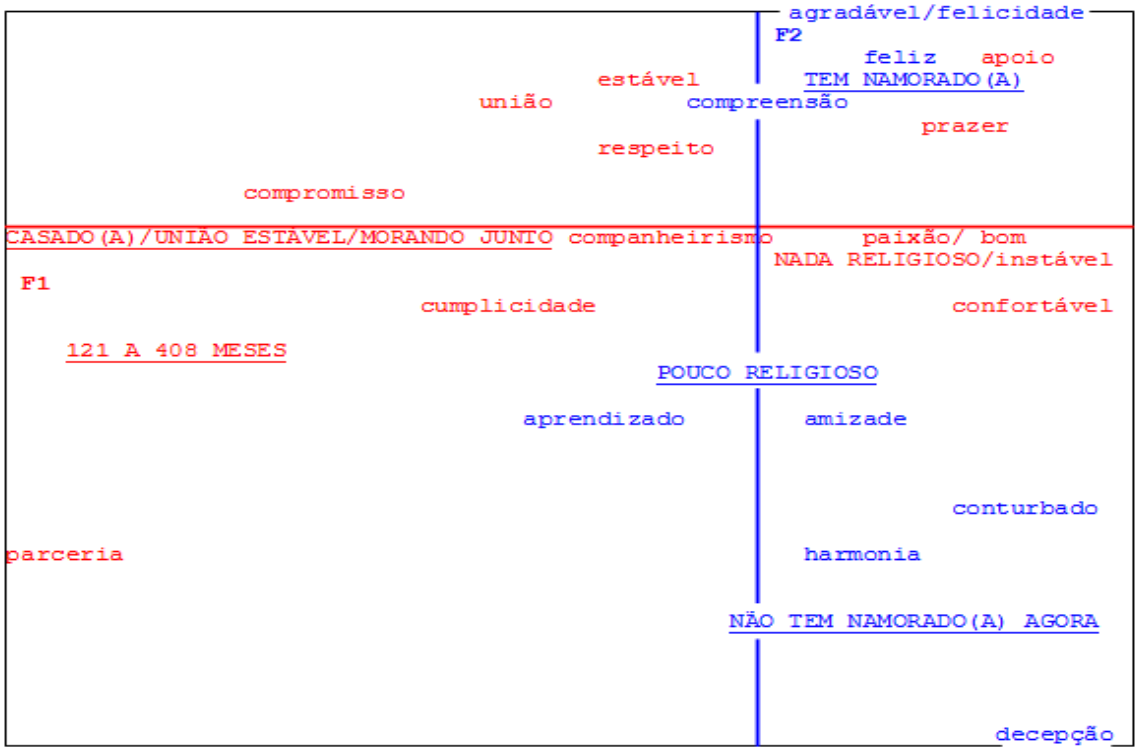

Figura 7. Plano fatorial de correspondência das representações de relacionamento elaboradas pelos participantes

Pode-se observar, a partir da **Figura 7**, que somente as variáveis fixas nível de religiosidade, tipo e tempo de relacionamento demonstraram relevância na composição do espaço gráfico, haja vista a variável sexo não ter emergido no plano fatorial. Este aspecto já foi observado em estudos que investigaram a relação entre o sexo e o fenômeno amor em que o efeito desta variável não foi estatisticamente significativo (Cassepp-Borges & Teodoro, 2009; Cassepp-Borges, 2010; Sternberg, 1997).

Houve diferença nas representações da percepção dos participantes acerca de seus relacionamentos amorosos em relação ao *tipo de relacionamento* tendo emergido no plano fatorial os três níveis da referida variável fixa, a saber: não tem namorado agora, tem namorado e casado/união estável/morando junto. Estes dados já foram encontrados em outras pesquisas (Cassepp-Borges, 2010; Cassepp-Borges e Teodoro, 2009; Sternberg, 1997) que reportaram a influência do tipo de relacionamento no amor. Tais pesquisas relatam que as três dimensões do amor evoluem conforme muda o tipo de relação. Este fenômeno pode estar atrelado ao fato de que nas fases iniciais do relacionamento o envolvimento dos enamorados é baseado muitas vezes pela atração física, pela paixão, pelo romantismo e encantamento característicos desta fase. Na

medida em que a relação se torna mais séria observa-se o aumento da intimidade caracterizada pela compreensão, respeito e apoio emocional mútuos, consideração pelo ser amado e desejo em promover seu bem-estar, além do comprometimento com a relação associado à decisão de investir no relacionamento a partir da compreensão que este é mais que um mero capricho passageiro.

Com relação à variável fixa *tempo de relacionamento*, apenas o nível de 121 a 408 meses manifestou-se. Esta variável já havia sido evidenciada em estudos que visavam investigar sua relação com o amor. Tais pesquisas relatam o crescimento do amor ao longo do tempo no que se refere aos componentes intimidade e compromisso (Sternberg, 1986; Yela, 1997). O componente paixão, por sua vez, apresenta relação inversa, ou seja, há um decréscimo deste ao longo do tempo. O tempo de relacionamento possui também uma correlação positiva com a satisfação indicando que casais juntos há mais tempo possuem um nível maior de satisfação que jovens casais (Karwowski-Marques, 2008). Tal relação pode se dever ao fato de a vivência de um relacionamento mais duradouro indicar que o casal tenha passado por muitos momentos bons e também de dificuldades o que sugere o fortalecimento do vínculo conjugal.

Por fim, no que concerne à variável fixa nível de religiosidade apenas os níveis nada religioso e pouco religioso manifestaram-se no plano fatorial. A religião apresenta um forte papel nas relações amorosas, sobretudo quando a crença é compartilhada pelo casal (Cassepp-Borges, 2010), haja vista os níveis de amor serem maiores em pessoas que compartilham a mesma religião que o ser amado. O envolvimento religioso é um importante preditor de compromisso, ajustamento e de um relacionamento estável, na medida em que tal envolvimento ajuda o casal a lidar com dificuldades em tempos de crise. Desta forma, sugere-se que os casais que praticam a sua fé podem internalizar normas comportamentais que são consistentes com o compromisso na relação.

De acordo com a **Figura 7**, para o primeiro fator (F1), destacam-se, na linha horizontal, em vermelho, à esquerda, os campos semânticos que emergiram dos participantes casados ou em união estável ou morando juntos e com tempo de relacionamento de 121 a 408 meses. Estes caracterizam seus relacionamentos amorosos como *estável, união, respeito, compromisso, cumplicidade e parceria.* Tais campos semânticos conjuntamente com as características a eles relacionados remetem ao componente do amor *compromisso* importante para o desenvolvimento e contínuo equilíbrio dos relacionamentos estáveis. Essa relação destaca o aspecto no qual para que

um relacionamento seja duradouro é essencial que haja comprometimento e a decisão por ficar juntos (Sternberg, 1997; Hernandez, 1999). Ademais, o fato de morar junto resulta em maiores pontuações no componente compromisso.

Por oposição, no mesmo eixo, no lado positivo, à direita, salientam-se as objetivações dos participantes nada religiosos. Tais participantes descrevem seus relacionamentos como *instável, confortável, paixão, bom, prazer* e *apoio*. Nota-se que não há semelhanças quanto à descrição do relacionamento deste grupo. Estudos apontam que parceiros menos religiosos são menos comprometidos um com o outro e com o relacionamento fato que contribui para a instabilidade do relacionamento e uma possível separação. Entretanto, os campos semânticos elaborados por estes participantes não apresentam similaridade o que torna difícil a caracterização do relacionamento para o grupo em questão.

No que concerne ao segundo fator (F2), na linha vertical em azul, emergiram dois campos semânticos. O primeiro encontra-se no plano superior manifestado pelos participantes que estavam namorando. Estes descreveram seus relacionamentos como *feliz*, *agradável*, *compreensão* e *felicidade*. Tal descrição é completamente compreensível, haja vista os níveis de amor serem altos no namoro (Cassepp-Borges, 2010) e o amor ser representado de forma positiva nesta fase da relação. Os campos semânticos apontados pelos participantes que se encontravam namorando descrevem bem os sentimentos compartilhados pelo casal nesta fase do relacionamento como afinidades de ideias e comportamentos, envolvimento emocional e satisfação com a relação.

Por contraste, no plano inferior emergiram objetivações dos participantes que não tinham namorado no momento e eram pouco religiosos. Estes representaram seus relacionamentos amorosos como *aprendizado, amizade, conturbado, harmonia* e *decepção*. Estudos apontam a existência de correlação entre o envolvimento religioso e a estabilidade e satisfação com o relacionamento. Mahoney (2001) afirma que um maior nível de religiosidade está ligado a uma menor taxa separação, haja vista os rituais e as atividades religiosas poderem influenciar o funcionamento do relacionamento. Entretanto, tais campos semânticos apresentam pouca similaridade e, a exemplo das palavras *conturbado* e *harmonia*, certa oposição. Alguns campos semânticos como *decepção* e *aprendizado* parecem demonstrar aspectos característicos do fim de um relacionamento, contudo com resultados positivos relacionados ao crescimento pessoal,

obtidos através da aprendizagem a partir de experiências dolorosas. No mais, a ausência de semelhança nas objetivações apresentadas pelos participantes sem namorado no momento e pouco religiosos dificulta a construção de uma modalidade de resposta que caracterize este grupo.

Considerando a interpretação das respostas manifestas no Fator 2 (eixo vertical, em azul) a partir do estímulo indutor, observa-se que na parte superior encontram-se as representações dos participantes que estavam namorando, enquanto que, opostamente, no plano inferior encontram-se as modalidades de resposta dos participantes que não estavam namorando. Tais achados podem evidenciar discordâncias representacionais entre esses dois grupos de participantes.

Os achados deste estudo sobre a representação dos relacionamentos amorosos dos participantes relacionada às características destes (sexo, nível de religiosidade, tipo e tempo de relacionamento) corroboram, de maneira geral, a literatura acerca do tema (Cassepp-Borges, 2010; Cassepp-Borges e Teodoro, 2009; Sternberg, 1997; Yela, 1997). Além disso, os campos semânticos encontrados descreverem os componentes do amor propostos pela Teoria Triangular do Amor de Sternberg (1986), a saber: intimidade, paixão e compromisso. Vale salientar que algumas características importantes no estudo das relações interpessoais não emergiram no plano fatorial como o nível de religiosidade "muito religioso" e alguns níveis da categoria tempo de relacionamento, variáveis que já haviam sido evidenciadas em outros estudos acerca do tema.

Ademais, é importante investigar se por trás desses relatos não há influência da desejabilidade social na descrição do relacionamento dos participantes, haja vista estes possivelmente não desejarem associar seus relacionamentos a definições desagradáveis, fato que pode ter desencadeado o aparecimento de campos semânticos contraditórios dentro de uma mesma categoria.

Desta forma, sugerem-se estudos futuros que esclareçam os aspectos não abarcados por esta dissertação que possam trazer uma maior compreensão sobre o tema amor e sua relação com outras variáveis relacionadas, colaborando para o avanço nas pesquisas no âmbito das relações interpessoais.

CAPÍTULO 6: DISCUSSÃO GERAL

A presente dissertação teve como objetivo primordial abordar o fenômeno amor considerado bastante relevante no estudo das relações interpessoais. Nesse sentido, procurou-se averiguar sua relação com outras variáveis como os valores humanos, a iniciativa sexual e algumas variáveis sócio-demográficas.

Tomando como pressuposto que relacionar-se romanticamente é parte natural da vida das pessoas em diferentes culturas, sociedades e momentos históricos, o amor tornou-se objeto de interesse de inúmeros pesquisadores (Berscheid & Walster, 1969; Hatfield, 1988; Hatfield & Rapson, 1990; Hazan e Shaver, 1987; Hendrick & Hendrick, 1986; Lee, 1973; Rubin, 1970; Sternberg, 1986; Yela, 1997). No Brasil, entretanto, ainda são escassos os estudos acerca desta temática. Esses dados parecem certamente justificar a escolha do fenômeno amor como objeto de estudo desta dissertação. Espera-se que os achados aqui apresentados contribuam para os estudos relacionados ao amor, bem como possam incitar pesquisas posteriores acerca deste construto tão relevante na investigação das dinâmicas das relações afetivas. Diante do exposto, neste capitulo serão apresentadas reflexões sobre os principais resultados obtidos neste estudo e algumas implicações para futuras investigações.

Acredita-se que os resultados obtidos nesta dissertação trouxeram contribuições proeminentes no estudo das relações afetivas humanas. Primeiramente, serão abordados os resultados obtidos no *Estudo 1*.

Os valores considerados aqui como guias do comportamento humano se correlacionaram com o amor. Cabe destacar aqui o caráter preditivo da subfunção interacional para os três componentes do amor confirmando o amor enquanto fenômeno de suma importância nos campos social e cultural, já que esta subfunção é representada por um critério de orientação social estando relacionado às necessidades de pertença, amor e afiliação promovendo o estabelecimento e a manutenção das relações interpessoais do indivíduo. A subfunção experimentação também foi apontada como preditora do componente paixão, relação já esperada, haja vista o caráter impulsivo e aventureiro deste componente.

Considerando que a similaridade na identidade de valores possa ser um possível fator desencadeador da atração interpessoal (Rodrigues, 2000), sugerem-se estudos futuros que avaliem este aspecto.

Os resultados referentes à relação entre a iniciativa sexual e o amor demonstraram o estabelecimento das relações de poder nos relacionamentos humanos. Tal relação tem muito a nos dizer a respeito das dinâmicas de poder estabelecidas pelas pessoas dentro dos relacionamentos interpessoais. Os relacionamentos permeados pelos componentes intimidade e compromisso apresentaram relação com a dimensão afetividade/dependência. Já os que se baseavam no componente paixão se relacionaram à dimensão poder/independência. Esses resultados são sustentados pelas características atribuídas a cada componente do amor associadas às características das dimensões da iniciativa sexual.

O poder é considerado uma variável reconhecidamente importante no estudo das relações amorosas (Browning, Kessler, Hatfield, & Choo, 1999), perpassando pelo comportamento sexual. As complexidades das relações sexuais são investigadas em termos do desequilíbrio de poder e quando associado ao comportamento sexual esta variável pode fornecer informações importantes relacionadas à negociação quanto ao uso do preservativo, à violência sexual, bem como à vulnerabilidade e às doenças sexualmente transmissíveis.

Além disso, o estudo da relação entre poder e comportamento sexual pode apontar possíveis explicações para a postura adotada por homens e mulheres dentro da relação, em que, na maioria das vezes, cabe aos homens uma postura dominadora e às mulheres uma postura submissa (Amaro, 1995; Blumstein e Schwartz, 1983; Connell, 1987; Dixon-Mueller, 1993; Rossi, 1958; Whitehead, 1997). Nesse sentido, recomendam-se outros estudo que avaliem tais aspectos mais detalhadamente.

As variáveis sócio-demográficas garantiram contribuições bastante relevantes além de corroborarem achados anteriores. Tomou-se como variáveis de interesse na presente dissertação o sexo, o tipo de relacionamento e o nível de religiosidade e todas apresentaram influência sobre os componentes do amor (Cassepp-Borges, 2010; Cassepp-Borges & Teodoro, 2009; Karwowsky-Marques, 2008; Mahoney, 2001; Sternberg, 1997; Yela, 1998). A variável nível de religiosidade apresentou-se como preditora dos três componentes do amor, confirmando sua importância no estudo deste fenômeno. Vale ressaltar a importância de se realizar uma investigação mais minuciosa desta relação, já que o fato das pessoas muito religiosas apresentarem uma postura consevadora em relação à separação não implica diretamente que estas apresentem maiores níveis de amor.

Com relação ao *Estudo 2*, que trouxe a relação entre a descrição do relacionamento dos participantes e algumas variáveis sócio-demográficas, alguns aspectos merecem ser mencionados. Das quatro variáveis fixas empregadas neste estudo, apenas o sexo não emergiu no plano fatorial.

Talvez o tipo de relacionamento diga mais sobre o fenômeno amor que a variável tempo de relacionamento já que avalia o amor a partir da maneira como as pessoas vivenciam a relação. Outro fato que reforça tal ideia é todos os níveis desta variável terem emergido no plano fatorial e apenas um dos três níveis da variável tempo de relacionamento terem se manifestado.

Ressalta-se também que os campos semânticos encontrados descreverem os componentes do amor intimidade, paixão e compromisso, propostos pela Teoria Triangular do Amor (Sternberg, 1986). Tais achados apresentam indícios que sustentam os componentes proposto pela teoria de Sternberg mediante a descrição dos relacionamentos dos participantes e sua relação com as variáveis fixas, confirmando resultados encontrados em pesquisas prévias (Cassepp-Borges, 2010; Cassepp-Borges e Teodoro, 2009; Sternberg, 1997; Yela, 1997). No entanto, recomenda-se a realização de estudos que utilizem métodos mais robustos para avaliar a relação da percepção do participante do seu relacionamento amoroso e outras variáveis sócio-demográficas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que uma pesquisa empírica geralmente se depara com eventuais limitações como a utilização de medidas impróprias ou pouco abrangentes, a dificuldade em se manipular as variáveis de interesse além de muitas vezes algumas não serem contempladas no estudo, bem como a presença de vieses amostrais, parece pertinente levantar possíveis limitações do presente estudo. As principais são expostas a seguir.

A primeira limitação versa sobre o grupo de participantes considerados. A amostra utilizada não foi aleatória, tendo participado aquelas pessoas que quando convidadas decidiram colaborar voluntariamente. Portanto, esta não pode ser representativa do contexto brasileiro nem mesmo do nordestino ou de qualquer uma das três cidades onde os dados foram coletados, já que compreende uma amostra de conveniência, não sendo assim probabilística. O grupo de participantes se constituiu, predominantemente, por estudantes universitários heterossexuais o que permite pensar em respostas restritas a este perfil demográfico.

Neste sentido, seria importante que em estudos posteriores a coleta dos dados considerasse a heterogeneidade das características sócio-demográficas e a homogeneidade da amostra para possibilitar a generalização dos resultados. Vale advertir que não se pretendeu realizar generalizações, mas testar hipóteses acerca da influência das variáveis antecedentes sobre o fenômeno amor, além de sua relação com os valores humanos e a iniciativa sexual.

Relativo ao *Estudo 1*, outra potencial limitação apontada é o fato de terem sido utilizadas medidas de auto-relato. Tais medidas apresentam como vantagem sua brevidade e eficiência, requerendo um tempo mínimo de aplicação. Contudo, apesar dos instrumentos utilizados neste estudo reunirem parâmetros psicométricos satisfatórios, as respostas dos participantes, quando confrontados com aspectos tão íntimos como os construtos aqui considerados, podem ser enviesadas pela desejabilidade social que representa a tendência de distorcer um auto-relato para uma direção favorável, negando traços e comportamentos socialmente indesejáveis.

Uma saída metodológica sugerida para contornar este tipo de problema em pesquisas futuras seria a utilização de uma combinação de instrumentos que inclua mais de um tipo de medida ou a inclusão de uma medida de desejabilidade social que reduziria esse viés de pesquisa indesejável na medição de um construto.

Apesar dos aspectos supracitados, acredita-se que estas limitações não representem ressalvas à presente dissertação, uma vez que indicam, simplesmente, que os resultados apresentam baixa validade externa, não podendo ser generalizados indiscriminadamente.

Ademais, em decorrência da coerência dos achados deste estudo com aqueles de pesquisas prévias, estima-se que os resultados são adequados e podem contribuir com os estudos acerca desta temática além de fomentar novas pesquisas no contexto brasileiro. Por fim, confia-se que os resultados e sugestões apresentados nesta dissertação contribuam para o desenvolvimento de mais estudos nacionais sobre o amor.

REFERÊNCIAS

Acevedo, B. P. & Aron, A. (2009). Does a Long-Term Relationship Kill Romantic Love? Review of General Psychology, 13 (1), 59–65.

Alferes, V. R. (2002). Atração interpessoal, sexualidade e relações íntimas. Em J. Vala, & M. B. Monteiro (Orgs.), *Psicologia Social* (pp. 125-158). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Amâncio, L. (1992). As assimetrias nas representações do gênero. *Revista Crítica de Ciências Sociais, 34*, 9-21.

Amaro, H. (1995). Love, sex, and power: Considering women's realities in HIV prevention. *American Psychologist, 50*, 437-447.

Amazonas, M. C. L. A., & Braga, M. G. R. (2006). Reflexões acerca das novas formas de parentalidade e suas possíveis vicissitudes culturais e subjetivas. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, *9*(2), 177-191.

Andrade, M. W. C. L. de (2001). *A dimensão valorativa do sentido da vida.* 2001. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa.

Andrade, A. L. & Garcia, A. (2009). Atitudes e Crenças sobre o Amor: Versão Brasileira da Escala de Estilos de Amor. *Interpersona: An International Journal on Personal Relationships, 3*, 89-102.

Andrade, A. L.; Garcia, A. & Cano, D. S. (2009). Preditores da satisfação global em relacionamentos românticos. *Psicologia: Teoria e Prática, 11(3),* 143-156.

Araújo, M. F. (2002). Amor, casamento e sexualidade: Velhas e novas configurações. *Psicologia Ciência e Profissão, 22*, 70-77.

Beall, A. E., & Sternberg, R. J. (1995). The Social Construction of Love. *Journal of Social and Personal Relationships, 12*, 417-438.

Belo, R. P. (2003). *A base social das relações de gênero*: explicando o ciúme romântico através do sexismo ambivalente e dos valores humanos básicos. 2003. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

Berscheid, E. & Hatfield, E. (1969). *Interpersonal attraction.* New York: Addison-Wesley.

Block, J. H. (1973). Conceptions of sex role: Some cross-cultural and longitudinal perspectives. *American Psychologist, 28(6)*, 512-526.

Blumstein, P., & Schwartz, P. (1983). *American couples: Money, work, sex*. New York: William Morrow.

Borges, M. L. (2005). Gênero e desejo: a inteligência estraga a mulher? *Estudos Feministas (Florianópolis), 13*, 667-676.

Borelli, A. (1998). Gênero: Desafios e perspectivas. *Revista Unicsul, 4*, 79-84.

Bowlby, J. (1979). *The making and breaking of affectional bonds*. London: Tavistock.

Bozon, M. (2003). Sexualidade e conjugalidade: a redefinição das relações de gênero na França contemporânea. *Cadernos Pagu, 20*, 131-156.

Browning, J. R., Hatfield, E., Kessler, D. & Levine, T. (2000). Sexual Motives, Gender, and Sexual Behavior. *Archives of Sexual Behavior, 29 (2),* 135-153.

Browning, J. R., Kessler, D., Hatfield, E & Choo, P. (1999). Power, gender, and sexual behavior. *Journal of sex research, 36*, 342-347.

Buss, D. M. (2006). The Evoluation of love. In: R. J. Sternberg & K. Weis (Eds.), *The New Psychology of Love* (p. 65-86). London: Yale University Press.

Bystronski, B. (1995). *Teorias e processos psicossociais da intimidade interpessoal*. Em A. Rodrigues (Org.), Psicologia Social para principiantes: estudo da interação humana (pp. 59-90). Petrópolis: Vozes.

Cassepp-Borges, V. (2010). *Amor e construtos relacionados:* evidências de validades de instrumentos de medida no Brasil. (2010). Tese de Doutorado. Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações. Universidade de Brasília, Brasília.

Cassep-Borges, V. & Teodoro, M. (2007). Propriedades Psicométricas da Versão Brasileira da Escala Triangula do Amor de Sternberg. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(3), 513-522.

Cavalcanti, J. P. N. (2007). *Reações a cenários de infidelidade conjugal:* são o amor e o ciúme explicações? (2007). Dissertação de Mestrado não publicada. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

Cibois, U. F. R. (1995) *Tri-deux-mots*. Versão 2.2. Paris: Sciences Sociales.

Coelho Júnior, L. de L. (2001). *Uso potencial de drogas em estudantes do ensino médio*: Suas correlações com as prioridades axiológicas. 2001. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

Connell, R. W. (1987). *Gender and power*. Stanford, CA: Stanford University Press.

Custódio, C. E. G. (2002). Análise da satisfação e equilíbrio amoroso em docentes universitários casados. Dissertação de mestrado não publicada. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

D'Amico, R. & Roazzi, A. (2011). Caratteristiche della relazione, atteggiamenti verso i ruoli sessuali e AIDS: l'uso del preservativo come strumento di prevenzione tra giovani e adulti italiani e brasiliani. *L'Istituto di Scienze e Tecnologie della Cognizione del C.N.R. di Roma*.

Engel, G., Olson, K. R. & Patrick, C. (2002). The personality of love: Fundamental motives and traits related to components of love. *Personality and Individual Differences, 32*, 839–853.

Feldman, R. S. (1985). *Social Psychology: Theories, Research and Applications*. New York: McGraw-Hill.

Féres-Carneiro, T. (1998). Clínica da família e do casal: tendências da demanda contemporânea. *Interações, Estudo e Pesquisa em Psicologia, 6*(3), 23-32.

Ferreira, M. C. (1995). Masculinidade, Feminilidade e Ajustamento. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 8 (2),* 205-224.

Formiga, N. S. & Camino, L. (1999). Os antecedentes das emoções de cólera ou raiva, alegria e tristeza: sua diferença entre homens e mulheres. VII encontro de iniciação científica da UFPB. João Pessoa, PB.

Formiga, N. S. & Gouveia, V. V. (2005). Valores humanos e condutas anti-sociais e delitivas. *Psicologia: Teoria e Prática, 7(2),* 134-170.

Gao, G. (2001). Intimacy, passion, and commitment in Chinese and US American romantic relationships. *International Journal of Intercultural Relations, 25*, 329–342.

Garcia, M. L. T. e Tassara, E. T. (2003). Problemas no casamento: uma análise qualitativa. *Estudos em Psicologia, 8* (1), 127-133.

Gonzaga, G. C., Turner, R. A., Keltner, D., Campos, B. e Altemus, M. (2006). Romantic Love and Sexual Desire in Close Relationships. *Emotion, 6 (2),* 163-179.

Gomes, I. C.; Paiva, M. L. de S. C. (2003). Casamento e família no século XXI: possibilidade de holding? *Psicologia em Estudo, 8*, 3-9.

Gouveia, V. V. (1998). *La naturaleza de los valores descriptores del individualismo y del colectivismo*: Una comparación intra e intercultural. 1998. Tese de Doutorado. Departamento de Psicologia Social, Universidade Complutense de Madri, Espanha.

Gouveia, V. V. (2003a). A natureza motivacional dos valores humanos: evidências de uma tipologia. *Estudos de Psicologia*, *8*, 431-443.

Gouveia, V.V., Andrade, J.M., Milfont, T.L., Queiroga, F., & Santos, W.S. (2003b). Dimensões normativas do individualismo e coletivismo: É suficiente a dicotomia pessoal vs. social? *Psicologia: Reflexão e Crítica, 16* (2), 223-234.

Gouveia, V. V., Fonseca, P. N., Cavalcanti, J. P. N., Diniz, P. K. C. & Dória, L. C. (2009). Versão abreviada da Escala Triangular do Amor: evidências de validade fatorial e consistência interna. *Estudos de Psicologia, 14(1),* 31-39.

Gouveia, V., Martínez, E., Meira, M., & Milfont, T. L. (2001). A estrutura e o conteúdo universais dos valores humanos: análise fatorial confirmatória da tipologia de Schwartz. *Estudos de Psicologia*, *6*, 133-142.

Gouveia, V. V., Medeiros, E. D., Mendes, L. A. C., Vione, K. C., & Athayde, R. A. A. (2010). Correlatos valorativos de atitudes frente à tatuagem. *Psicologia & Sociedade; 22 (3)*, 476-485.

Gouveia, V. V., Milfont, T. L.**,** Fischer, R., & Santos, W. S. (2008). Teoria funcionalista dos valores humanos. In M. L. M. Teixeira (Ed.). *Valores humanos e gestão: Novas perspectivas* (pp. 47-80). São Paulo: Senac.

Guerra, V. M. (2005). *Bases valorativas do liberalismo sexual*. 2005. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

Hatfield, E. (1988). Passionate and companionate love. Em R. J. Sternberg & M. L. Barnes (Eds.), *The psychology of love* (pp. 191-217). New Haven, CT: Yale University Press.

Hatfield, E. & Rapson, R. (1987). Passionate love: New directions in research. Em W. H. Jones & D. Perlman (Eds.). *Advances in Interpersonal Relations, 1*. (109-139). Greenwich, CN: JAI Press.

Hatfield, E. & Rapson, R. L. (1990). Passionate live in intimate relationships. Em B. S. Moore & A. Isen (Eds.). *Affect and social behavior* (126-152). Cambridge, England: Cambridge University Press.

Hatfield, E., Rapson, R. L. & Martel, L. D. (2007). Passionate love and sexual desire. Em: Kitayama, S. & Cohen, D. (Ed.). Handbook of cultural psychology. New York: Guilford Press, 760-779.

Hatfield, E. & Walster, G. W. (1978). *A new look at love.* Lanham, MD: University Press of America.

Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology, 52*, 511-524.

Hendrick, C. & Hendrick, S. (1986). A theory and method of love. *Journal of Personality and Social Psychology, 50*, 392-402.

Hendrick, C. Hendrick, S. S. & Adler, N. L. (1988). Romantic relationship: Love, satisfaction, and staying together. Journal of Personality and Social Psychology, 54, 980-988.

Hernandez, J. A. E. (1999). Validação da estrutura da Escala Triangular do Amor: análise fatorial confirmatória. *Aletheia, 9*, 15-26.

Hernandez, J. A. E. & Oliveira, I. M. B. (2003). Os Componentes do Amor e a Satisfação. *Psicologia, Ciência e Profissão, 21 (3)*, 58-69.

Hutz, C., & Koller, S. (1992). A mensuração do gênero: uma readaptação do BSRI. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 5* (2), 15-21.

Inglehart, R. (1991). *El cambio cultural en las sociedades industriales avanzadas*. Madri: Siglo XXI.

Kim, J. & Hatfield, E. (2004). Love types and subjective well-being: A cross-cultural study. *Social Behavior and Personality, 32,* 173-182.

Lee, J. A. (1973). *The colors of love: An exploration of the ways of loving*. Toronto, Ontario, Canada: New Press.

Lee, J. A. (1988). Love-styles. Em R. J. Sternberg & M. L. Barnes (Eds.), *The psychology of love* (pp. 38-67). New Haven, CT: Yale University Press.

Lenney, E. (1991). Sex roles: The measurement of masculinity, femininity, and androgyny. In J. P. Robinson, P. R. Shaver, & L. S. Wrightsman (Eds.), Measures of personality and social psychological attitudes (Vol. 1, pp. 573-660). San Diego, CA: Academic Press.

Mairal, J. B. (2004). Infidelidades familiares. *Diálogo Familia-Colegio, 247*, 12-19.

Milfont, T. L. (2001). *A intenção de constituir família*: suas bases normativas e relacionais. 2001. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

Nogueira, C. M. (2004). *A feminização no mundo do trabalho*. São Paulo: Editora Autores Associados.

Oliveira, L. S. O. (1983). *Masculinidade feminilidade androginia.* Rio de Janeiro: Achiamé.

Páez, D., Torres, B. & Echebarria, A. (1990). Esquema de si, representación social y estereotipo sexual. Em G. Musitu (Org.). Procesos psicosociales básicos. Barcelona: PPU, 229-234.

Pasquali, L. & Alves, A. R. (2004). Validação do Portraits Questionnaire – PQ de Schwartz para o Brasil. *Avaliação Psicológica, 3(2),* 73-82.

Perlin, G., & Diniz, G. (2005). Casais que trabalham e são felizes: mito ou realidade? *Psicologia Clínica, 17*(2), 15-29.

Pimentel, C. E. (2004). *Valores humanos, preferência musical, identificação grupal e comportamentos de risco*. 2004. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

Porto, J. B., & Tamayo, A. (2007). Estrutura dos valores pessoais: a relação entre valores gerais e laborais. *Psicologia. Teoria e Pesquisa, 23*(1), 63-70.

Rokeach, M. (1973). *The nature of human values*. Nova York: Free Press.

Rokeach, M. (1981). *Crenças, attitudes e valores.* Rio de Janeiro: Interciência.

Ros, M., & Gouveia, V. V. (2001). (Orgs.). *Psicología Social de los valores humanos: desarrollos teóricos, metodológicos y aplicados.* Madrid: Biblioteca Nueva.

Rossi, A. S. (1985). *Gender and the life course*. New York: Aldine.

Rubin, Z. (1970). Measurement of romantic love. *Journal of Personality and Social Psychology, 16*, 265-273.

Schwartz, S.H. & Bilsky, W. (1987). Toward a universal psychological structure of human values. *Journal of Personality and Social Psychology, 53,* 550-562.

Schwartz, S. H., & Sagiv, L. (1995). Identifying culture-specifics in the content and structure of values. *Journal of Cross-Cultural Psychology, 26*, 92-116.

Schwartz, S. H., Melech, G., Lehmann, A., Burgess, S., Harris, M., & Owens, V. (2001). Extending the cross-cultural validity of the theory of basic human values with a different method of measurement. *Journal of Cross Cultural Psychology, 32*, 519-542.

Schwartz, S. H. (2005a). Validade e aplicabilidade da teoria de valores. Em A. Tamayo & J. B. Porto (Eds.), *Valores e comportamento nas organizações* (pp. 56-95). Petrópolis: Vozes.

Schwartz, S. (2005). Valores humanos básicos: seu contexto e estrutura intercultural. In: Tamayo, A. (Org.); Porto, J. (Org.) *Valores e comportamentos nas organizações.* São Paulo: Vozes.

Schwartz, S. H. (1994). Are there universal aspects in the structure and contents of human values? *Journal of Social Issues, 50*, 19-45.

Struch, N., Schwartz, S.H., & van der Kloot, W.A. (2002). Meanings of basic values for women and men: A cross-cultural analysis. *Personality and Social Psychology Bulletin, 28*, 16–28.

Silva, G. C. C., Santos, L. M., Teixeira, L. A., Lustosa, M. A., Couto, S. C. R., Vicente, T. A. & Pagotto, V. P. F. (2005). A mulher e sua posição na sociedade: da antiguidade aos dias atuais. *Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar, 8* (2), 65-76.

Sternberg, R. J. (1986). A triangular theory of Love. *Psychological Review, 93*, 119-135.

Sternberg, R. J. (1997). Construct of a triangular love scale. *European Journal of Psychology, 27*, 313-335.

Sternberg, R. J. & Weis, K. (2006). *The New Psychology of Love*. London: Yale University Press.

Tamayo, A. & Porto, J. B. (2009). Validação do Questionário de Perfis de Valores (QPV) no Brasil. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 25*, 369-376.

Tamayo, A. (2007). Hierarquia de valores transculturais e brasileiros. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 23* (n. especial), 7-15.

Tamayo, A. & Schwartz, S. H. (1993). Estrutura motivacional dos valores. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 9*, 329-348.

Yela, C. (1997). Curso temporal de los componentes básicos del amor a lo largo de la relación de pareja. *Psicothema, 9*, 1-15.

Yela, C. (1998). Diferencias entre sexos en los juicios verbales sobre su comportamiento amoroso y sexual. *Revista de Psicologia General y Aplicada, 51(1),* 115-147.

Whitehead, T. L. (1997). Low-income African American men, HIV/AIDS, and gender identity. *Medical Anthropology Quarterly, 11*, 411-447.

ANEXOS

ANEXO I

Escala Triangular do Amor de Sternberg

INSTRUÇÕES: As respostas a seguir devem ser dadas utilizando o quadro abaixo, expressando em que nível aquela sentença se aplica ao seu relacionamento. O espaço em branco nas frases, **não deve ser preenchido**, apenas mentalize como se estivesse escrito o nome de seu namorado(a), noivo(a), esposo(a) ou companheiro(a). Obrigado pela contribuição e pedimos que ao final verifique se todos os itens foram respondidos.

1 **Não me descreve nada**	**2** **...**	**3** **Me descreve um pouco**	**4** **...**	**5** **Me descreve mais ou menos**	**6** **...**	**7** **Me descreve bastante**	**8** **...**	**9** **Me descreve totalmente**

01. ( ) Eu não imagino outra pessoa me fazendo tão feliz como _____ me faz

02. ( ) Sempre sentirei uma forte responsabilidade por _____

03. ( ) Não há nada mais importante para mim do que minha relação com _____

04. ( ) Eu recebo considerável suporte emocional de _____

05. ( ) Espero amar _____ por toda minha vida

06. ( ) Não me imagino vivendo sem _____

07. ( ) Posso contar com _____ na hora que eu necessitar

08. ( ) Meu relacionamento com _____ é muito romântico

09. ( ) Me pego pensando frequentemente em _____ durante o dia

10. ( ) Eu vejo meu relacionamento com _____ como permanente (duradouro)

11. ( ) _____ pode contar comigo na hora que necessitar

12. ( ) Só em olhar para _____ é excitante

13. ( ) Não imagino terminar o relacionamento com _____

14. ( ) Valorizo _____ muitíssimo em minha vida

15. ( ) Eu vivencio muitas alegrias com _____

16. ( ) Eu adoro _____

17. ( ) Eu tenho _____ como modelo de perfeição

18. ( ) Estou seguro(a) do meu amor por _____

19. ( ) Eu estou comprometido(a) em manter meu relacionamento com _____

20. ( ) Estou pronto(a) para compartilhar minha vida e meus bens materiais com _____

21. ( ) Existem coisas quase “mágicas” no meu relacionamento com _____

22. ( ) Sinto-me emocionalmente próximo de _____

23. ( ) Eu não poderia deixar que nada interferisse de algum modo meu compromisso com _____

24. ( ) Acho _____ muito atraente

25. ( ) Eu dou considerável suporte emocional para _____

26. ( ) Confio na estabilidade do meu relacionamento com _____

27. ( ) Prefiro estar com _____ do que com qualquer outra pessoa

28. ( ) Vejo meu relacionamento com _____ como uma decisão bem tomada

29. ( ) Sonho de olhos abertos com _____

30. ( ) Eu tenho um relacionamento confortável com _____

31. ( ) Eu tenho um relacionamento agradável com _____

32. ( ) Quando vejo filmes românticos ou leio livros românticos, eu penso em _____

33. ( ) Reconheço que considero muito _____

34. ( ) Eu sinto que sou responsável por _____

35. ( ) Me comunico bem com _____

36. ( ) Eu particularmente gosto do contato físico com _____

37. ( ) Por causa do meu compromisso com _____ eu não permitiria a intromissão de outra pessoa

38. ( ) Compartilho informações íntimas da minha vida quando converso com _____

39. ( ) Mesmo quando _____ é inflexível com um assunto, eu permaneço comprometido com a nossa relação.

40. ( ) Meu relacionamento com _____ é apaixonante

41. ( ) Sinto que realmente compreendo _____

42. ( ) Eu vejo meu compromisso com _____ como sólido

43. ( ) Sinto que _____ realmente me compreende

44. ( ) Eu planejo continuar meu relacionamento com _____

45. ( ) Sinto que realmente posso confiar em _____

ANEXO II

Questionário de Valores Básicos

INSTRUÇÕES. Por favor, leia atentamente a lista de valores descritos a seguir, considerando seu conteúdo. Utilizando a escala de resposta abaixo, escreva um número ao lado de cada valor para indicar em que medida o considera importante como um princípio que guia sua vida.

1 Totalmente não Importante	2 Não Importante	3 Pouco Importante	4 Mais ou menos Importante	5 Importante	6 Muito Importante	7 Extremamente Importante

01.____**SEXUALIDADE**. Ter relações sexuais; obter prazer sexual.

02.____**ÊXITO**. Obter o que se propõe; ser eficiente em tudo que faz.

03.____**APOIO SOCIAL**. Obter ajuda quando a necessite; sentir que não está só no mundo.

04.____**CONHECIMENTO**. Procurar notícias atualizadas sobre assuntos pouco conhecidos; tentar descobrir coisas novas sobre o mundo.

05.____**EMOÇÃO**. Desfrutar desafiando o perigo; buscar aventuras.

06.____**PODER**. Ter poder para influenciar os outros e controlar decisões; ser o chefe de uma equipe.

07.____**AFETIVIDADE**. Ter uma relação de afeto profunda e duradoura; ter alguém para compartilhar seus êxitos e fracassos.

08.____**RELIGIOSIDADE**. Crer em Deus como o salvador da humanidade; cumprir a vontade de Deus.

09.____**SAÚDE**. Preocupar-se com sua saúde antes mesmo de ficar doente; não estar física ou mentalmente enfermo.

10.____**PRAZER**. Desfrutar da vida; satisfazer todos os seus desejos.

11.____**PRESTÍGIO**. Saber que muita gente lhe conhece e admira; quando velho receber uma homenagem por suas contribuições.

12.____**OBEDIÊNCIA**. Cumprir seus deveres e obrigações do dia a dia; respeitar seus pais, os superiores e os mais velhos.

13.____**ESTABILIDADE PESSOAL**. Ter certeza de que amanhã terá tudo o que tem hoje; ter uma vida organizada e planificada.

14.____**CONVIVÊNCIA**. Conviver diariamente com os vizinhos; fazer parte de algum grupo, como: social, esportivo, entre outros.

15.____**BELEZA**. Ser capaz de apreciar o melhor da arte, música e literatura; ir a museus ou exposições onde possa ver coisas belas.

16.____**TRADIÇÃO**. Seguir as normas sociais do seu país; respeitar as tradições da sua sociedade.

17.____**SOBREVIVÊNCIA**. Ter água, comida e poder dormir bem todos os dias; viver em um lugar com abundância de alimentos.

18.____**MATURIDADE**. Sentir que conseguiu alcançar seus objetivos na vida; desenvolver todas as suas capacidades.

ANEXO III

Questionário de Iniciativa Sexual

INSTRUÇÕES. Aqui você encontrará várias afirmações sobre relacionamento. Gostaríamos que você analisasse atentamente cada uma delas. Em seguida marque com uma cruz (como indicado ao lado) um número (**somente um**) que melhor corresponda à sua opinião. Não existe resposta certa ou errada. O importante é a sua opinião. Por isso, por favor, responda com sinceridade a todas as afirmações.

1. Na relação de casal atual, quanto você pensa de estar afetivamente envolvido/a?

1	2	3	4	5	6	7
De jeito nenhum						Muitíssimo

2. Quanto freqüentemente é você em toma a iniciativa sexual?

1	2	3	4	5	6	7
Nunca						Sempre

3. Quanto freqüentemente é o teu parceiro/a que toma a iniciativa sexual?

1	2	3	4	5	6	7
Nunca						Sempre

4. Para você, quanto é apropriado que seja o homem em tomar a iniciativa?

1	2	3	4	5	6	7
De jeito nenhum						Muitíssimo

5. E quanto é apropriado que seja a mulher em tomar a iniciativa?

1	2	3	4	5	6	7
De jeito nenhum						Muitíssimo

6. SE É VOCÊ QUE TOMA A INICIATIVA MAIS VEZES, quanto freqüentemente o/a teu/tua parceiro/a se deixa envolver?

1	2	3	4	5	6	7
Nunca						Sempre

7. SE PELO CONTRÁRIO É O/A TEU/TUA PARCEIRO/A QUE TOMA A INICIATIVA MAIS VEZES, quanto freqüentemente você se deixa envolver?

1	2	3	4	5	6	7
Nunca						Sempre

8. No vosso relacionamento, você acha que seja você a pessoa mais dependente?

1	2	3	4	5	6	7
De jeito nenhum						Muitíssimo

9. No vosso relacionamento, você acha que seja o/a teu/tua parceiro/a a pessoa mais dependente?

1	2	3	4	5	6	7
De jeito nenhum						Muitíssimo

● E quem dos dois tem mais poder sobre o outro?

10. Você

1	2	3	4	5	6	7
De jeito nenhum						Muitíssimo

11. O/A TEU/TUA PARCEIRO/A

1	2	3	4	5	6	7
De jeito nenhum						Muitíssimo

12. Quanto você está satisfeito com o teu relacionamento?

1	2	3	4	5	6	7
De jeito nenhum						Muitíssimo

13. Quanto você acha que o teu parceiro/a está satisfeito com o teu relacionamento?

1	2	3	4	5	6	7
De jeito nenhum						Muitíssimo

14. Na relação de casal atual, quanto você pensa que o teu parceiro está afetivamente envolvido/a?

1	2	3	4	5	6	7
De jeito nenhum						Muitíssimo

15. No vosso relacionamento, você acha que seja você a pessoa mais ciumenta?

1	2	3	4	5	6	7
De jeito nenhum						Muitíssimo

16. No vosso relacionamento, você acha que seja o seu parceiro/a a pessoa mais ciumenta?

1	2	3	4	5	6	7
De jeito nenhum						Muitíssimo

ANEXO IV

Questionário Sócio-demográfico

INFORMAÇÕES DEMOGRÁFICAS. Finalmente, gostaríamos de conhecer algo mais acerca dos participantes deste estudo. Uma vez mais, lembramos que nosso propósito não é identificá-lo. Portanto, não assine ou coloque seu nome no questionário.

Seu sexo: ☐ Masculino ☐ Feminino **Sua idade:** _____ anos
Sexo do(a) parceiro(a):☐ Masculino ☐ Feminino **Idade do(a) parceiro(a):** _____anos
Sua profissão: _____ **Profissão do(a) parceiro(a):** _____
Sua renda familiar (em salários mínimos): _____
Seu nível educacional

☐ Ensino Fundamental (1ª a 8ª série) incompleto	☐ Ensino Médio completo
☐ Ensino Fundamental (1ª a 8ª série) completo	☐ Universidade
☐ Ensino Médio incompleto	☐ Pós-graduação

Nível educacional do/a parceiro/a

☐ Ensino Fundamental (1ª a 8ª série) incompleto	☐ Ensino Médio completo
☐ Ensino Fundamental (1ª a 8ª série) completo	☐ Universidade
☐ Ensino Médio incompleto	☐ Pós-graduação

Sua religião: _____ **Religião do(a) parceiro(a):** _____
Do ponto de vista religioso como VOCÊ se considera?
☐ Nada religioso ☐ Pouco ☐ Razoavelmente ☐ Muito religioso
E como considera o(a) parceiro(a)?
☐ Nada religioso ☐ Pouco ☐ Razoavelmente ☐ Muito religioso
Seu nível de prática religiosa: ☐ nenhuma prática ☐ pouca ☐ razoável ☐ muita
Nível de prática religiosa do(a) parceiro(a): ☐ nenhuma prática ☐ pouca ☐ razoável ☐ muita

ESTADO CIVIL

☐ Nunca teve namorado(a)	☐ Em união estável (morando juntos)	☐ Viúvo(a) (sem namorado/a)
☐ Não tem namorado(a) agora	☐ Casado(a)	Outros (especificar):
☐ Tem namorado(a)	☐ Separado(a)/Divorciado(a)	

SUA ORIENTAÇÃO SEXUAL

☐ Heterossexual	☐ Homossexual	☐ Bissexual

ORIENTAÇÃO SEXUAL DO(A) PARCEIRO(A)

☐ Heterossexual	☐ Homossexual	☐ Bissexual

Há quanto tempo dura o seu relacionamento (anos e/ou meses)? _____

Pedimos agora que você descreva através de três palavras ou frases bem curtas o seu relacionamento com o seu parceiro. Se no momento você está sem um(a) parceiro(a), para responder considere a última pessoa com a qual você estabeleceu um relacionamento. Se você nunca teve um(a) parceiro(a), pense na pessoa com a qual você se encontrou mais próximo ou responda em termos do que pensa que seriam as suas respostas.

_____
_____
_____

ANEXO V

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Psicologia
Programa de Pós-graduação em Psicologia Cognitiva

Prezado (a) Colaborador (a),

Convidamos você a participar da pesquisa "**O Amor e sua relação com os valores humanos e a iniciativa sexual**" realizada com o intuito de conhecer questões referentes às relações interpessoais e afetivas. Este estudo compreende uma pesquisa da Pós-graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco, sob a coordenação do Prof. Dr. Antonio Roazzi.

Para a realização desta pesquisa, gostaríamos de contar com sua colaboração respondendo a este questionário. Esclarecemos que serão respeitados todos os princípios éticos relacionados a pesquisas com seres humanos, conforme o Conselho Nacional de Saúde e o que estabelece o Comitê de Ética em Pesquisa (Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600. Tel.: 2126 8588).

Pedimos que você expresse o que pensa da maneira mais sincera possível, sem deixar nenhuma questão em branco. Todas as informações são *confidenciais* e *não existem respostas consideradas certas ou erradas*. Suas respostas serão tratadas de forma coletiva e estatística garantindo-se o *anonimato* dos participantes. Os questionários utilizados no estudo serão armazenados em uma pasta e ficarão no Núcleo de Pesquisa em Epistemologia Experimental e Cultural localizado no Centro de Filosofia e Ciências Humanas/CFCH (Av. Acadêmico Hélio Ramos, s/n, 8º Andar. Cidade Universitária, Recife – PE, CEP: 50670-901. Fone: 2126-8272 **|** 2126-7330) sob os cuidados da pesquisadora responsável (Josélia de Mesquita Costa).

A pesquisa poderá oferecer aos participantes um risco mínimo de constrangimento haja vista se tratarem de instrumentos de auto-relato que trazem como tema central as relações interpessoais.

Os benefícios, embora apenas em longo prazo, são significativos. O presente estudo poderá fornecer possíveis explicações em relação às mudanças sociais e comportamentais em nossa sociedade podendo as informações aqui encontradas ser

utilizadas em outras pesquisas relacionadas à vulnerabilidade dadas as mudanças comportamentais verificadas atualmente referentes à ruptura de papéis convencionais culturalmente atribuídos e assumidos por homens e mulheres dentro das relações interpessoais. Nesse sentido os participantes poderão contar com palestras e o desenvolvimento de uma cartilha contendo informações relacionadas ao tema.

A adoção do amor como principal objeto de estudo nesta pesquisa poderá representar ampliação do estudo das relações íntimas no Brasil haja vista que, dada a relevância deste sentimento para as pessoas, nosso país está atrasado na compreensão do amor em relação a outros países. Ademais, tal estudo poderá representar mais um passo rumo ao desenvolvimento nacional da área da Psicologia do Amor no Brasil.

Para obter as informações coletadas na pesquisa, favor contatar a pesquisadora responsável através dos meios citados ao final deste documento.

Desde já, agradecemos enormemente a colaboração dada a esta solicitação.

TERMO DE CONSENTIMENTO

Certifico haver lido o anteriormente descrito, compreendo que os dados serão mantidos em sigilo e que estou participando voluntariamente. Pela presente, dou meu consentimento para participar do estudo.

Recife, _____de _____de 2011

_____
Assinatura/rubrica do participante

_____ _____
Testemunha Testemunha

_____
Josélia de Mesquita Costa
(Pesquisadora responsável)

PESQUISA: O Amor e sua relação com os valores humanos e a iniciativa sexual.

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Josélia de Mesquita Costa, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco.
Contato: Av. Acadêmico Hélio Ramos, s/n, 8º Andar, CFCH. Cidade Universitária, Recife – PE, CEP: 50670-901. Fone: 2126-8272 | 2126-7330.
E-mail: costa.joseliamesquita@gmail.com

ANEXO VI

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
Comitê de Ética em Pesquisa

Of. Nº. 629/2011 - CEP/CCS Recife, 15 de setembro de 2011

Registro do SISNEP FR – 432952
CAAE – 0300.0.172.000-11
Registro CEP/CCS/UFPE Nº 322/11
Titulo: O amor e sua relação com os valores humanos e a iniciativa sexual.
Pesquisador Responsável: Josélia de Mesquita Costa

Senhor (a) Pesquisador (a):

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco (CEP/CCS/UFPE) registrou e analisou de acordo com a Resolução N.º 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, o protocolo de pesquisa em epígrafe, liberando-o para início da coleta de dados em 06 de setembro de 2011.

Ressaltamos que a aprovação definitiva do projeto será dada após a entrega do relatório final, conforme as seguintes orientações:

a) Projetos com, no máximo, 06 (seis) meses para conclusão: o pesquisador deverá enviar apenas um relatório final;
b) Projetos com períodos maiores de 06 (seis) meses: o pesquisador deverá enviar relatórios semestrais.

Dessa forma, o ofício de aprovação somente será entregue após a análise do relatório final.

Atenciosamente

Prof. Geraldo Bosco Lindoso Couto
Coordenador do CEP/ CCS / UFPE

A
Mestranda Josélia de Mesquita Costa
Pós- Graduação em Psicologia Cognitiva- CFCH/UFPE